

**RESERVADOS OS DIREITOS
DO AUTOR**

José Luís T. Saraiva

Diário de Guidage - Guiné Portuguesa

Guarda, 2017

José Luís T. Saraiva

DIÁRIO DE GUIDAGE

Guiné Portuguesa



Este livro dá-nos conta da vivência dos nossos militares numa época terrível que culminou com a “Batalha de Guidage”, na Guiné, que terá sido uma das últimas da guerra colonial em África.

José Luís T. Saraiva

DIÁRIO DE GUIDAGE
GUINÉ PORTUGUESA

2017

TiTulo: Diário de Guidage

AuTOR: José Luís Tavares Saraiva

EDiÇÃO: José Luís Tavares Saraiva

TirAGEM: 200 ex.

Depósito legal: 422451/17

Guarda, Março 2017

Composição e impressão:
oficinas de S. Miguel
outeiro de S. Miguel - Guarda
Telf. 271 238 197
Email: graficaosm@sapo.pt

José Luís T. Saraiva

DIÁRIO DE GUIDAGE

GUINÉ PORTUGUESA

Este livro dá-nos conta da vivência dos nossos militares numa época terrível que culminou com a “Batalha de Guidage”, na Guiné, que terá sido uma das últimas da guerra colonial em África.

José Luís T. Saraiva

Agradecimento

Muito sentido e reconhecido ao Exmo. Senhor Coronel José de Moura Calheiros, quão importante e prestigiada pessoa, que reconhece quanto difícil se torna dispor da vida dos seus homens.

Dedico este livro

À Teresa, minha esposa, aos meus filhos Lara e Luís e netos.

Aos Militares da Companhia de Caçadores 19 e ao Povo de Guidage, da atual República da Guiné - Bissau, do passado, do presente e do futuro, para que da memória não se apague o seu passado histórico.

PREFÁCIO

O conteúdo deste livro está intimamente ligado a uma das mais difíceis batalhas travadas pelas tropas portuguesas em toda a guerra do Ultramar – a Batalha de Guidage, que ocorreu na Guiné então portuguesa, em Maio de 1973.

Esta batalha terá talvez constituído a situação prolongada mais difícil – chegando mesmo a ser crítica–, suportada pelas tropas portuguesas, durante os 14 anos de guerra do Ultramar. E foi mesmo, esta, a batalha em que elas sofreram mais baixas em combate.

Como os acontecimentos sobre os quais a obra se baseia ocorreram em terras muito distantes e já em data remota, em 1973; e também porque, apesar da sua importância histórica no âmbito da guerra do Ultramar, eles poderão ser desconhecidos da quase totalidade dos seus leitores, considero ser necessária uma breve introdução, de carácter histórico.

Os factos narrados nesta obra ocorreram em Guidage.

Guidage era uma pequeníssima povoação localizada mesmo sobre a fronteira Norte da então Guiné

Portuguesa.

Junto ao aldeamento da povoação existia uma Unidade militar portuguesa, com o efetivo de uma Companhia de Caçadores - a C. Caç. 19.

Guidage era pois um aquartelamento muito isolado, ao ponto de uma parte da sua vedação se estender ao longo da fronteira com o Senegal, país que nos era hostil, e que apoiava o inimigo.

Para se ligar com o resto do território nacional dispunha de uma pequena pista, da qual um dos topos fazia fronteira com aquele país, o que condicionava muito as aterragens e as descolagens dos pequenos aviões que a utilizavam.

O acesso por terra era feito por uma única estrada, em terra batida e em muito mau estado de conservação. Esta estrada era a única via de ligação para o seu local de reabastecimento - Binta -, um lugarejo minúsculo nas margens do Ria Cacheu, distante cerca de 20 quilómetros



Sucedeu que em Maio de 1973 o PAIGC – sigla do partido político independentista, Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde, desencadeou uma poderosa ofensiva, simultaneamente, nas fronteiras Norte e Sul.

No Sul, cercou e bombardeou intensamente a guarnição de Guilege (Ver no mapa dentro de circulo, junto à fronteira Sul com a Guiné-Conacry), obrigando a sua guarnição – uma Companhia de Cavalaria - a retirar para Gadamael (dez quilómetros mais a Sul, também junto à fronteira), que também cercou e assediou fortemente

durante pouco mais de um mês.

No Norte, cercou e assediou Guidage, local onde se desenrola a narrativa desta obra (Ver localização no mapa, no centro do círculo, na fronteira Norte).

Em Guidage, para além da sua população, que vivia num aldeamento, encontrava-se aquartelada, a muito curta distância, a Companhia de Caçadores 19 (C. Caç. 19). Esta, graças a muitas vicissitudes próprias da guerra, estava reduzida a apenas cerca de 90 homens, todos eles militares guineenses, com exceção dos graduados, que eram metropolitanos.

Tal como já foi referido, Guidage sofreu um prolongado cerco, estabelecido por um fortíssimo dispositivo militar do PAIGC, cujas unidades totalizavam mais de 700 guerrilheiros.

Para além do cerco, que procurava impedir os reabastecimentos, Guidage foi objecto de muitos e potentes bombardeamentos e de alguns ataques de infantaria procurando penetrar na sua organização defensiva.

Durante o assédio, as nossas colunas de reabastecimento ou de evacuação de feridos eram quase sempre obrigadas a retroceder para os seus locais de partida, pois o inimigo impedia a sua progressão com campos de minas e emboscadas. E as aeronaves que tentavam atingir a sua

pista, ou eram abatidas (3 aeronaves abatidas num só dia!) ou flageladas e atingidas com gravidade.

Assim, e ao longo de mais de um mês, o PAIGC conseguiu impedir o reabastecimento da guarnição de Guidage, e que lhe fosse prestado um apoio regular, mesmo por ar.

A população e a guarnição de Guidage estiveram pois isoladas durante todo aquele mês de Maio de 1973, não só por terra, mas também pelo ar! E, assim, não eram reabastecidos de alimentos e de munições. Pior ainda, nem conseguiam evacuar os mortos ou transportar os feridos para tratamento no hospital.

E é neste período de tempo – entre meados de Abril e final de Maio de 1973, neste local – Guidage, na fronteira Norte da atual Guiné-Bissau, neste contexto de guerra feroz e dura, e com estes atores – a população de Guidage e a sua guarnição militar, a C. Caç. 19, que o então Furriel Miliciano Enfermeiro José Luís Tavares Saraiva escreveu o seu Diário...

Memórias de um tempo de guerra...

E é apenas agora, passados que já foram 44 anos, que o Autor no-las revela... E transformou o seu Diário num Livro de Memórias.

Mas ao fazê-lo, e apesar do longo tempo decorrido, todos aqueles que lerem esta obra e tenham também

combatido na nossa última guerra ultramarina, se irão rever na descrição que o Autor faz da sua vivência em Guidage, e irão recordar fases da sua própria experiência militar em África.

Tal sucedeu comigo, que tive longa experiência na nossa guerra ultramarina. Ao ler esta obra e a descrição que o Autor nos faz de algumas situações, parecia-me que estava a voltar ao passado e a recordar sensações, sentimentos, atitudes e reações muito semelhantes, senão mesmo iguais, às que eu tivera.

Sempre numa escrita muito simples mas escorreita, que reforça a autenticidade do que nos conta, o Autor começa por descrever a sua ida para a Guiné e a longa viagem para atingir Guidage, com o pormenor de quem observa paisagens e vive situações até então para si completamente desconhecidas. É o seu primeiro contacto com África... E também com uma ambiente militar completamente diferente, sempre sob um calor intenso, como a viagem na lancha ao longo do rio Cacheu, até Binta, e depois na coluna de viaturas que o transportará para Guidage e onde, homens e as mais diversas mercadorias, disputavam espaço nas reduzidas caixas de carga das viaturas, balanceando ao sabor dos enormes buracos existentes no solo de uma abertura na mata a que ali, à falta de melhor, chamavam “estrada” – é a estrada

de Guidage, que ficará tristemente célebre na história da nossa guerra ultramarina por vir a ser palco de ferozes combates, poucos dias depois ...

Seguidamente, o Autor descreve-nos o seu primeiro contacto com o quartel e o aldeamento, transmitindo-nos a sensação de quem entra num “mundo novo”, até aí completamente desconhecido... E também numa diferente forma de viver, que o obriga, nos momentos de descanso, a “repousar” dentro de um incómodo abrigo, e não, como até aí, no conforto de um normal quarto de dormir.

Descreve-nos o que todos os combatentes então sentiam: saudades da sua aldeia, da sua casa, dos Pais, dos amigos; ou as mentiras “piedosas” para que eles se não preocupassem “lá”, na Metrópole... E a ânsia pelo correio, que deixou de chegar porque ficaram isolados...

É magnífica a descrição que nos faz da sua atividade como enfermeiro no apoio sanitário à população, umas vezes no Posto de Socorros, outras nas “consultas externas”, que o levam a percorrer o aldeamento e a falar com os seus habitantes para visitar as casas dos doentes. É evidenciado um grande carinho pelas gentes da aldeia, sentimento que é plenamente correspondido por elas. Ao ler, parece-nos que o estamos a acompanhar na visita...

Depois, chegam as flagelações de artilharia ao aquartelamento e os ataques às suas linhas defensivas

feitos pelas forças inimigas. Começara o cerco a Guidage, que também se manifesta ao longo da estrada para Binta quando são feitos os indispensáveis reabastecimentos, remuniamento e evacuação de feridos da guarnição: são as minas e as emboscadas, que provocam inúmeras vítimas e fazem escassear as munições e os produtos alimentares... E também provocar a morte de feridos por falta de evacuação atempada... O autor descreve-nos como viveu e sentiu aqueles dias, não apenas participando na defesa do aquartelamento como, depois, terminado o combate, servindo como enfermeiro nos postos de combate ou no Posto de Socorros. O Autor, José Luís Tavares Saraiva, transformou-se num verdadeiro enfermeiro de guerra...

Ao longo de toda a obra o Autor não só nos descreve algumas das situações que se viveram em Guidage ao longo do assédio, como o faz por forma a que sempre transparecem os sentimentos que invadiam os combatentes em cada circunstância: o cansaço, o medo, a angústia, as alegrias, a dor, o sofrimento, a saudade, a solidariedade, o instinto de sobrevivência, e tantos outros...

Infelizmente, o Diário que o Furriel Enfermeiro José Luís Tavares Saraiva escreveu em Guidage, não está completo, abrange apenas cerca de metade do período do cerco. Talvez mesmo nem abranja o período mais delicado do assédio...

O hoje Solicitador José Luís Tavares Saraiva não sabe explicar o motivo desta falta. Possivelmente terá sido porque a partir de determinada altura do cerco os seus serviços no Posto de Socorros, como enfermeiro, estarem a ser constantemente solicitados, não tendo tempo para escrever... Ou por extremo cansaço, mesmo exaustão, que se recorda de ter atingido... Ou por falta de disposição, face a situações extremas que tinha diariamente de enfrentar, sem dispor dos recursos necessários, para tratar de feridos extremamente graves.

O certo, é que o Diário ficou incompleto...

No entanto, o Autor utilizou exclusivamente o conteúdo do seu Diário para escrever esta obra, assim garantindo que ela não está afectada por erros que a escrita por memória poderia provocar, muito prováveis face aos 44 anos entretanto decorridos.

É mais uma garantia de autenticidade do conteúdo desta obra.

José de Moura Calheiros

PRÓLOGO

Quando estive em serviço militar na Guiné, entre 1973 e 1974, fui destacado para Guidage, um quartel no mato a pegar com a fronteira do Senegal, que a dada altura ficou sitiado pelo inimigo, que nos atacou permanentemente ao longo de mais de um mês e nos cercou de forma a impedir a evacuação de feridos e mortos e a chegada de reforços, de homens, munições, comida, etc...

Estávamos votados a desaparecer do mapa e provavelmente a ser dizimados pelo inimigo.

A libertação e recuperação de Guidage só foi possível mediante uma operação militar de enorme envergadura que contou com a intervenção de mais de um milhar de militares ... Porém, foram inúmeros os feridos e muitos os mortos em combate, apesar de se envolverem nessa operação tropas especiais como comandos, paraquedistas, fuzileiros navais, força aérea, marinha e outras tropas ... foi terrível! ...

No decorrer das operações não foi possível evacuar os feridos e os mortos em combate. Os mortos foram enterrados num cemitério que foi ali feito à pressa, operação esta que eu coordenei enquanto responsável pelo serviço de saúde (furriel miliciano enfermeiro).

Contando que, a curto prazo, os cadáveres seriam exumados, tive a preocupação de fazer uma planta do cemitério, com pontos de referência, para que facilmente pudessem localizar os corpos. Não a assinei e a mesma foi aproveitada e utilizada pelo exército.

O Senhor Coronel José de Moura Calheiros, comandante da Companhia de paraquedistas que nos acudiu, deixou lá três militares enterrados e, decorridos mais de trinta anos, ainda lá se encontravam.

Então, o Senhor Coronel José de Moura Calheiros desenvolveu diligências, angariou apoios e fundos e, numa “Última Missão”, foi à Guiné exumar os restos mortais dos seus soldados, guiando-se na sua localização pelo mapa por mim feito, cujo autor desconhecia, agradecendo no livro que publicou, que conta a história dessa última missão, ao militar anónimo da Companhia de Caçadores 19 que fez o mapa e permitiu encontrar com precisão os seus homens.

Como disse, esse militar fui eu ...

Foi o meu mui ilustre Colega, Solicitador (estagiário) Carlos Filipe da Silva Chagas, que foi militar paraquedista, que me deu conta daquele livro, com o título “A Última Missão”, da autoria do Senhor Coronel José de Moura Calheiros, quando conversávamos dos tempos da guerra no ultramar português.

A obra literária “A Última Missão” constitui para mim, uma grandiosa odisséia de tamanha envergadura e peso,

perante a qual me vergo com elevado respeito.

Foi este livro, “A Última Missão”, que li de forma absorvente e emocionada, que me fez recordar e reviver aqueles tempos difíceis que o autor tão bem relata nos capítulos que abordam a “Batalha de Guidage”.

Eu estive lá, e da mesma fiz parte e disso tenho um testemunho: O meu “Diário de Guidage”.

Escrevi-o ao longo da minha estadia por terras de Guidage, em simples aerogramas que acabaram por não ser expedidos com receio de extravio, que posteriormente copiei para texto datilografado.

O meu Diário de Guidage é fiel repositório dos factos nele relatados, na minha perceção e em função da informação corrente a que tive acesso.

Foi o mesmo, necessariamente, influenciado pelo estado de espírito em que na altura do relato me encontrava.

A leitura deste meu “Diário de Guidage” e a do livro “A Última Missão” redobrou de forma impressionante a lembrança daqueles acontecimentos, em ambos identicamente relatados, porque tudo o que neles se escreve aconteceu realmente.

É este “diário” que, respeitosa e com apreço, coloco à leitura e apreciação dos excelentíssimos leitores.

O autor
José Luís Tavares Saraiva

NOTA: Os títulos apresentados não fazem parte do diário.
Só posteriormente se acrescentaram, para uma
mais fácil leitura.

Diário de Guidage

Esta pretende ser a história de um furriel miliciano enfermeiro, que tendo chegado à Província Ultramarina da Guiné em 20 de Janeiro de 1973, teve a sorte de não fugir à regra das probabilidades, deparando com um caminho recheado de peripécias que só a vida militar lhe podia presentear.

Essa pessoa sou eu, José Luís Tavares Saraiva que, se me permitem, desde já fico apresentado.

O caso não é para meditar, mas se as “armas” dos tais “barões assinalados” nos têm dado tantos trabalhos decorridos tantos anos, suponho que seria melhor que da “ocidental praia lusitana” nunca tivessem visto largar “por mares nunca dantes navegados” tais portugueses, que julgo, não desejariam que os seus vindouros conterrâneos tivessem de tapar os “buracos” que eles, com toda a boa-fé, foram descobrir por esse mundo!...

Esta é uma fraca contribuição do autor para o mar das ideias literárias insólitas.

- Como é que vim aqui parar?

Uma aterragem na Guiné Portuguesa, significa para um europeu, sair de um mundo de paz e sossego para outro onde a guerra é mesmo a sério.

Alteremos o rumo dos tempos e vamos agora situar-nos onde me encontro: Guidage.

É uma aldeia indígena situada a norte da província, em pleno mato, fazendo fronteira com a República do Senegal.

Uma questão que o leitor pode colocar: - Como é que eu aqui vim parar, depois de durante cerca de dois meses me encontrar bem instalado, em serviço, no Hospital Militar de Bissau?

Pois muito bem!... Essa mesma pergunta foi por mim feita, embora a resposta tenha sido sempre a mesma e outra também não sei dar:- É a vida da tropa! ... Não é para compreender ou justificar. É mesmo assim.

Agora pergunto eu! - Que ando eu por aqui a fazer?... Se calha, até vim para aqui por engano!...Resultado: Conformate Zé, que de conformados ainda o mundo não se encheu...

De passeio a pesadelo!...

Lembro-me que em 16 de março de 1973 levantei voo numa DO, avioneta monomotor a hélice do exército português, do aeroporto de Bissalanca com destino ao destacamento avançado de Guidage.

Apesar dos tremeliques do aparelho, a viagem tornou-se agradável devido à paisagem que se desfruta lá do alto.

Disseram-me que a Guiné é considerada uma miséria no aspeto paisagístico!... Não é verdade.

Do ar podemos ver uma extensa bacia hidrográfica rica em arborização, contrastando com extensões de terrenos áridos salpicados de escassa vegetação de pequeno porte. Tudo isto nos mostra um conjunto paisagístico luxuriante, muito agradável.

- Voltando ao avião. Recordo agora a altura em que o voo começou a baixar e à minha frente avistei uma reduzida pista de aterragem de terra batida.

- Seria possível aterrar naquele pedacito de terra?

- Era aquilo já Guidage? As perguntas acorriam-me numa enorme confusão.

A pista de aterragem foi parecendo cada vez maior e mais larga à medida que nos aproximávamos.

Dois saltos, alguns solavancos e depois de uma corrida desenfreada pela pista largando para a nossa retaguarda enormes nuvens de poeira, aterrámos finalmente.

Para nos dar as boas-vindas, um grupo de africanos curiosos correu para junto do avião.

Tínhamos então chegado a Bigéne, um destacamento da frente onde o avião tivera de fazer escala.

Alguns momentos depois, sob um calor intenso, apareceu um oficial que comunicou: - Os passageiros com destino a Guidage ficam neste destacamento aguardando transporte, oportunamente...

O hábito de haver sempre alguém que transforma um

passaio num pesadelo, é perfeitamente natural na vida militar....

Os primeiros contactos.

Estávamos então em Bigéne. Eu, um cabo enfermeiro e dois soldados que a partir daquela altura seriam meus camaradas em mais uma aventura.

As surpresas não tardaram a acontecer e não foi realmente agradável sabermos que depois de aguardarmos naquela unidade dois dias, seguiríamos por via fluvial e terrestre até ao nosso destino.

Na verdade, eu já sabia que a guerra existia, mas enquanto me fizessem transportar por ar, não teria grandes probabilidades de ser intercetado pelo inimigo. Mas agora o caso era outro: Eu teria de caminhar pelos lugares comuns de ambas as partes beligerantes. Por outras palavras: - Pela terra de ninguém!...

Durante a minha estadia em Bigéne aproveitei o tempo trabalhando na enfermaria local que era gerida por um enfermeiro furriel miliciano, meu amigo e camarada de curso.

Tive aqui os primeiros contactos com os nativos e até fui parteiro, numa urgência que apareceu a altas horas da noite.

Uma criança foi dada à luz, cheia de vida, promissora de mais um soldado para a guerra.

A aventura começou!...

Chegou o dia da abalada...Um mundo de incertezas começou agora a criar-se à nossa volta.

- À aventura, à aventura rapazes. -Encorajei!...

Pois então, a aventura começou. Mal eu imaginava as aventuras que me esperariam em Guidage!

Sáímos de Bigéne num unimogue que, sem escolta ou segurança alguma, nos transportou durante cerca de dois quilómetros numa estrada sinuosa e desprotegida até ao aldeamento de nome Ganturé, que fica na margem direita do rio Cacheu.

Este aldeamento tem um pequeno destacamento de fuzileiros navais que têm por missão patrulhar o rio e dar apoio à navegação.

Ancorado no cais, flutuava nas águas do Cacheu, um patrulha. Era um barco de guerra de tamanho médio, com os seus setenta metros de cumprimento, guarnecido com duas peças de artilharia e outras armas, que conferiam aos passageiros uma sensação de bastante segurança.

De assinalar a amabilidade e cortesia com que os “fusas” nos receberam.

Embarcamos por fim.

Eu e os meus camaradas de viagem demos uma volta pelo barco,visitando todos os cantos do mesmo.

Chegara nessa altura o comandante do patrulha. Algumas ordens foram dadas. As máquinas já a trabalhar

aceleraram o seu ritmo, enquanto as amarras foram soltas e o barco desprendido do cais.

O patrulha pusera-se em movimento rumo ao seu próximo destino. Eis que mais uma etapa da minha viagem começara.

O Cacheu é na verdade um rio de grande caudal, talvez como o rio Douro nos últimos quilómetros do seu percurso. Caudaloso e de águas turvas como se apresenta já nesta época seca, leva-nos a prever um enorme caudal na época das chuvas.

As duas peças de artilharia situadas à proa e à ré do barco foram ocupadas por um artilheiro e por um municionador, cada uma. O resto da tripulação ocupa os seus postos, todos aparentando uma certa descontração.

O rio com as margens cobertas de um emaranhado de árvores e espesso matagal tinha o seu quê de misterioso. De vez em quando podiam ver-se emergir crocodilos do lodo das margens.

O leito do rio alargava-se, por vezes, em grandes curvas, proporcionando belas paisagens.

É caso para perguntar: - Quando é que estas lindas paisagens, que a natureza em si esculpiu, poderão ser desvendadas e desfrutadas por turistas?

O patrulha navegava agora sob o sol ardente do meio-dia, capaz de abrasar tudo o que os seus raios atingem.

Ao meu lado, o comandante do barco, um primeiro-tenente, seguia num mapa o trajeto que percorríamos,

indicando a nossa localização e também os pontos mais prováveis para uma emboscada inimiga.

Nas margens surgiam, de vez em quando, clareiras que deixavam campo aberto com condições favoráveis a um possível ataque inimigo.

Nestas alturas, o comandante ordenava, através de um telefone aos artilheiros para fazerem fogo sobre determinados pontos suspeitos de uma possível base de fogo inimigo. Explosões irrompiam no ar e nuvens de fumo, poeira, lama e galhos de árvores eram projetados em barafunda do local onde a granada explodia.

O tempo ia passando. O barco, ora se chegava mais a uma margem, ora a outra, conforme entendido necessário.

Três horas foram assim passadas. Por um lado, a apreensão minha e dos meus camaradas de aventura e por outro o à-vontade e descontração dos tripulantes do barco, como se a viagem tivesse sido um passeio dominical, tal como o dia em que o destino nos levara àquele lugar.

A certa altura, uma voz brada: - Binta à vista!...

Binta à vista!...

Tínhamos chegado ao destino. Um cais, tal como o de Ganturé, construído com fortes troncos de palmeira, era já visível à nossa frente.

O patrulha aproximou-se lentamente do cais, que se ia enchendo de gente curiosa com a sua chegada.

A embarcação acabava agora de encostar ao cais. As amarras puxadas por alguns militares e crianças africanas, foram presas a fortes troncos de árvores que se erguiam na margem.

Dei então, em relance, uma vista de olhos pela povoação que frente a mim se apresentava.

Logo em primeiro plano, um conjunto de enormes casarões aparentando terem sido grandes armazéns, quase em ruínas, erguiam-se na aridez do terreno, constituídos por uma estrutura com grandes vigas de madeira queimada e corroída pelo tempo. O aldeamento, em segundo plano, aparentava algum abandono.

No cais, já depois de deixar o barco e na posse dos meus haveres, choviam perguntas de curiosos, sempre interessados em saber qual a origem e destino de cada um de nós.

Crianças pescavam camarão com pequenos cestos presos por uma corda, que puxavam do rio.

Afastei-me do cais após ter cumprimentado a tripulação do patrulha que até ali me trouxera sem qualquer problema.

Chegara a vez de prosseguir a aventura, agora por via terrestre.

Dirigi-me ao posto de comando daquele reduzido destacamento militar onde fui encontrar um alferes

miliciano, comandante do mesmo.

Após serem cumpridos os protocolos militares e a papelada individual ser devidamente tratada, refrescamos com cerveja e coca-cola bem frescas, que fizeram as nossas delícias.

Restava-nos agora aguardar a chegada de uma coluna vinda de Guidage, que seria o nosso meio de transporte para aquela unidade.

Procuramos preencher o melhor possível o tempo que nos faltava e recuperar forças, psicológicas, pelo menos, para enfrentar a nossa última etapa de viagem.

A coluna destinava-se essencialmente a transportar reabastecimentos e pessoal para a Companhia de Caçadores 19, instalada em Guidage.

Chegara a hora do almoço sem que houvesse indícios da coluna. Entretanto, a convite do comandante da unidade, dei um passeio pela aldeia, pondo assim fim à minha curiosidade para saber como era uma “tabanca”.

Modestas casas, com paredes de tijolo de terra amassada, cobertas de colmo, erguiam-se em filas mais ou menos direitas dentro do recinto protegido por arame farpado.

Às portas, demasiado baixas para a estatura das pessoas, grupos de africanos, ora mostrando os seus dentes brancos de neve em sorrisos disfarçados, ora em tementes acenos de cabeça, iam desfilando aos nossos olhos.

Depois, fui almoçar bichas com estilhaços, ou seja, massa com carne aos bocadinhos, que me soube muito bem, até porque a fome já se deixava notar.

Em dado momento ouviu-se o ruído da aproximação de camiões!... Corremos para a porta. Era a coluna!...

Entre o ruidoso barulho das Berliets e o alegre cantarolar salpicado de gritos estridentes dos passageiros, os carros rodavam apressados entre espessas nuvens de poeira.

Não tardou que alguns militares, envolvidos em empoeirados camuflados, quicos e lenços que lhes protegiam a cara, aparecessem na casa onde eu me encontrava a almoçar.

Não era esta casa mais que uma simples cabana feita de tijolos e coberta com chapas de zinco e nela couberam os graduados acabados de chegar que, sequiosos e esfomeados, se nos juntaram.

O almoço foi repartido de boa vontade entre todos e apesar de não existirem divisas ou galões, todos pareciam ser bons camaradas e simpáticas pessoas.

Logo após esta frugal refeição, começaram os trabalhos de carregamento das viaturas que se iam alinhando numa longa fila à medida que acabavam de ser carregadas. Estavam prontas por fim!...

A caminho de Guidage.

Ocupei um espaço na viatura, em cima de um emaranhado de mercadorias das mais diversas espécies, procurando encontrar o maior apoio e segurança possível. A partida estava próxima. Muitos civis tomaram ainda lugar nas viaturas, carregando consigo uma infinidade de bugigangas e embrulhos que se podiam considerar como bagagem pessoal.

O comandante da coluna deu por fim as suas últimas ordens e os carros puseram-se em movimento.

Mais de dez viaturas seguiam agora por entre as casas da tabanca com destino ao mato e à aventura!...

Pelo caminho, e enquanto percorríamos a aldeia, grupos de indígenas diziam-nos adeus, num misto de sorrisos e acenos amistosos.

A coluna deixara já as últimas casas do povoado. Uma estreita picada penetrava pelo mato, rumo a Guidage.

O perigo podia, a partir de agora, estar a todo o momento à nossa frente.

Na viagem de Guidage para Binta a tropa picou a estrada a fim de detetar minas anticarro ou pessoais. Desta forma, a estrada no regresso era considerada livre de perigo, a menos que o inimigo se lembrasse de atacar ou emboscar a coluna, ou colocar minas.

As berliets superlotadas de pessoas e carregadas ao

máximo, seguiam a grande velocidade, visivelmente demasiada para o estado da picada.

Agarrado ao taipal e à mercadoria que seguia na caixa da viatura, lá seguia eu, num constante desafio ao equilíbrio que a todo o momento estava prestes a ser perdido.

A velocidade excessiva das viaturas fizeram com que a certa altura, numa cova da picada, uma berliet derrapasse e quase virasse, provocando a queda de um militar africano, que por sorte não se magoou.

Pela mesma razão, a mercadoria da berliet em que eu seguia, que não ia devidamente segura, começou a escorregar e estaria prestes a cair se não fosse eu mandar parar a viatura, para com o auxílio de umas cordas fixar melhor a carga.

E desta forma lá foi prosseguindo a viagem, já sob os últimos alvares do entardecer africano.

O estado da picada, cheia de covas e curvas, provocava atrasos nas viaturas, que assim se separavam demasiadamente umas das outras, perdendo o contacto entre si, o que se tornava perigoso em termos defensivos.

A paisagem tropical apresentava-se em diversos aspetos. Árvores frondosas cobrindo a picada e terreno coberto de densos arbustos, ou grandes extensões de capim seco de pequena altura.

Era a primeira vez que me aventurava no mato africano.

Sentia-me com algum receio, mas como na verdade nunca me tinha encontrado em tal situação, não podia, de forma alguma, imaginar o perigo a que estava sujeito na eventualidade de sermos emboscados ou atacados pelo inimigo.

Tínhamos de percorrer cerca de vinte quilómetros de picada que pareciam não ter fim.

De vez em quando perguntava aos militares de Guidage, se faltava ainda muito para chegar, ao que me respondiam sorrindo: - Não, ainda não andámos metade do caminho, depois faltava sempre mais um bocado, bocados esses que para mim correspondiam a quilómetros sem fim.

O caso é que a viagem prosseguia em constantes solavancos e atormentadoras suposições de minha parte, que imaginava como deveria reagir no caso de sermos atacados pelo inimigo.

Não tinha comigo uma única arma, mas ao olhar para o à-vontade e descontração dos soldados que me acompanhavam, uns armados outros não, acalmei-me um pouco.

Por fim, ao meu lado, surgiu uma fiada de arame farpado, seguida de outra. Logo a seguir apareceram algumas casas e finalmente a povoação e aquartelamento de Guidage. Senti algo, como se me tirassem um grande peso de cima e respirei fundo. Por fim, chegara ao destino!...

Guidage, tal como se me mostrou da primeira vez,

pareceu-me uma simples tabanca constituída por um conjunto de casas, mais ou menos ordenadas, salientando-se o grupo de construções de caraterísticas mais sóbrias que formam o aquartelamento propriamente dito.

Ceguei a Guide!...

Agora que a minha estadia em Guidage se prolonga há alguns dias, a povoação apresenta-se-me já com outro aspeto, um pouco mais agradável.

As casas estendem-se em cinco filas ordenadas, de construção aparentemente resistente. São feitas de blocos de terra amassada com algum cimento, formando uma construção de forma quadrangular, com um telhado em chapa de zinco.

Ao lado da maioria das casas situa-se um abrigo subterrâneo, seguramente construído, no qual os habitantes se abrigam quando a povoação é atacada.

O quartel, propriamente dito, é constituído por um conjunto de casas de forma retangular, também cobertas com telhado de zinco, cuidadas e pintadas.

Em volta deste conjunto urbano fica uma fiada de arame farpado que envolve uma outra fiada também de arame farpado, com postes de focos de luz elétrica que, durante a noite, iluminam as redondezas.

Dentro, e a acompanhar o arame interior, existe uma

extensa vala sinuosamente traçada onde nos abrigamos no caso de ataque e de onde podemos defender o aquartelamento.

Na extremidade do aquartelamento do lado oposto à povoação e rente ao arame farpado, localiza-se o campo de aviação contíguo ao território da República do Senegal.

A praxe.

Um dos hábitos acostumados da vida militar é o da praxe. São variadas, e uma delas, que aqui vim encontrar, não deixa de ter o seu quê de agradável. Todos os novos elementos que se incorporem nesta unidade têm que oferecer uma garrafa de whisky, numa das refeições, a todos os seus camaradas.

O mesmo acontece àqueles que comemoram o seu aniversário ou qualquer data importante, conforme o seu caso particular. Não quis fugir à regra e gostosamente compartilhei uma garrafa de “Old Parr” com todos os meus novos camaradas.

A camaradagem foi desde início espetacular, podendo afirmar que todos os meus novos camaradas fizeram os possíveis para que eu me sentisse o mais à-vontade e confortável possível, na minha nova unidade.

O meu batismo de fogo!...

Uma nesga de felicidade e de esperança aconchegava-me o espírito, ainda incrédulo perante o que tinha tido a oportunidade de ver e constatar em Guidage até ali, em total contraste com as péssimas informações que em Bissau me foram dadas sobre este lugar.

Afinal, eu estava totalmente enganado! ... As aparências iludem absolutamente neste aquartelamento e a aparente paz e sossego que aqui transparece pode, de um momento para o outro, transformar-se num autêntico inferno.

Dia 25 de março de 1973. Este foi o dia que, aparentemente idêntico a qualquer outro, se converteu num pesadelo.

A luz solar foi sendo substituída pela penumbra da noite e com ela pairava uma aparente calma no aquartelamento.

Calhara-me a vez de fazer o serviço de sargento de ronda durante parte da noite. Numa das rondas fui acompanhado por um cabo enfermeiro, com a comissão de serviço já quase no fim, que dava pelo nome Alheira.

Durante o percurso paramos por algum tempo no espaldão de um dos obuses 10,5, onde um furriel amigo comandava a guarnição.

Sentamo-nos debaixo de um céu escuro, verdadeiramente incomodados com os mosquitos que

nos picavam impiedosamente. Para entretenimento, falávamos sobre os mais diversos temas, num convívio que era realmente agradável e nos fazia esquecer tudo aquilo que nos rodeava.

Seriam já umas vinte e três horas quando ouvimos repetidos rebentamentos à distância. Levantamo-nos alvoroçados e seguramente preocupados, vimos para os lados de Bigéne enormes clarões que tal como relâmpagos iluminavam as trevas da noite.

Os militares da guarnição começaram logo por virar o obus para o local de onde presumiam proceder os disparos da artilharia inimiga. O furriel artilheiro deu as suas ordens, colocando os seus homens em posição de combate, dirigindo-se depois para o posto de transmissões a fim de se informar mais concretamente do que se passava e procurar informação para poder fazer tiro com eficácia.

Eu e o cabo enfermeiro dirigimo-nos, um tanto ou quanto apressados, para a enfermaria sentindo o coração aos pulos, pois os rebentamentos à distância sucediam-se ininterruptamente e de forma assustadora.

Bigéne estava a “embrulhar” ou, por outras palavras, encontrava-se debaixo de fogo inimigo, num ataque à distância com armas pesadas. O enfermeiro Alheira, velhinho que era naquelas paragens, informou-me que, como de costume, não tardaríamos nós a “embrulhar” também, pois isso era já hábito!...

Tínhamos então acabado de chegar à enfermaria. Apagaram-se imediatamente todas as luzes e vi-me arrastado para uma sala-abrigo que constitui parte do edifício da enfermaria, onde já se encontrava um outro enfermeiro.

Imitando os meus camaradas, deitei-me no chão, cingindo-me o mais possível ao canto de duas paredes.

Os nossos corações palpitavam.

Nisto, um dos obuses dispara o seu primeiro tiro em defesa de Bigéne, ... depois um segundo, (....!!!! ...?)

- Foi o inferno!... Como se este disparo tivesse sido o sinal de ataque estabelecido pelo inimigo, eis que Guidage começa a ser atacado ao arame, com toda a intensidade.

Começou a ouvir-se o matraquear característico de uma “costureirinha” (Kalaschnicov), uma arma de características muito próprias, porque o seu ruído se assemelha ao trabalhar de uma máquina de costura.

Em simultâneo, ouvem-se os disparos de algumas dezenas de armas com as mesmas características, secundados por espetaculares e estrondosos rebentamentos provocados por outras armas inimigas, que mais tarde se confundiam com o disparar das nossas armas, formando assim um terrível e ensurdecador barulho que entrava pelas nossas cabeças e fazia tremer o chão.

- Aí estão eles!... Esses filhos da mãe!...(...) - Eu não lhe dizia, meu furriel?... Gritava o Alheira, abafado

pelo ruído dos estoiros que varriam todos os cantos do quartel.

Se alguém como eu assistiu de noite a um arraial de foguetes nas festas e romarias da metrópole, poderá fazer uma ideia bastante aproximada desta batalha mas, claro está, desde que estivesse exatamente no meio dos rebentamentos e dos clarões desses foguetes.

A diferença é que aqui estas deflagrações lançam estilhaços e balas em todas as direções, que podem matar ou ferir quem tenha a pouca sorte de apanhar com eles.

Dentro de mim, não sei se sentia vazio ou sei lá o quê!... Não me tentava sequer mexer e pedia ao Alheira para se acalmar e que se calasse, uma vez que os seus berros continuavam a misturar-se com o barulho ensurdecedor da batalha.

A batalha desenrolava-se sem que eu me apercebesse, ou fizesse a mínima ideia do perigo e risco de vida que corria.

Os “Rpgês”, espécie de minifoguetes que devidamente regulados, rebentam no ar, após terem percorrido uma determinada distância, podendo atingir o pessoal que se encontrava nas valas, cortavam o ar deixando para trás sulcos luminosos, dispersando depois uma infinidade de estilhaços quando rebentavam.

Mas o pior é que o local de onde o inimigo ataca fica mesmo em frente ao edifício em que me encontrava e, por isso, as trajetórias da maioria das munições inimigas

faziam escala por cima da enfermaria, o que não era mau de todo. Mal seria que os “turras” baixassem o ângulo de tiro!...

Estas condições e circunstâncias eram deveras preocupantes, apesar de sabermos que o teto da enfermaria era parcialmente constituído por uma forte placa de cimento armado com possibilidade de sustentar a maioria das granadas inimigas, mas as paredes laterais não eram sequer anti bala. Na fachada principal estava uma barricada com bidões cheios de terra, bastante segura, pelo menos na aparência.

Certo é que, se entre a barricada e a janela que esta protegia, e na base da qual me encontrava, caísse uma granada, de certeza que não teria tempo para dar um ai!...

Enquanto o ataque decorria, que mais parecia o encontro de várias trovoadas, começava-se a ouvir com mais intensidade o barulho das nossas armas, ripostando ao fogo inimigo, o que tornou ainda mais ensurdecedor o barulho da contenda. O intenso fumo e cheiro da pólvora sentia-se e cheirava-se por todo o lado.

A nossa reação processava-se normalmente, embora um tanto tardia, talvez pelo inesperado ataque ao arame e pelo facto de não se esperar tão cedo por ataques a Guidage, em comparação com anos anteriores.

Por fim, as armas inimigas quase não se ouviam, calando-se por completo. O ataque chegara ao seu fim.

Os tiros do nosso lado continuaram esporadicamente, para manter a segurança em zonas de arame que tinham ficado às escuras e forçar o inimigo a bater em retirada.

Na enfermaria, as luzes foram então ligadas. Dei ordens para que o material sanitário estivesse a postos para tratar algum ferido que aparecesse.

Pensos, compressas, soros e injetáveis foram colocados à mão para iniciar o trabalho que não se fez esperar.

À medida que o tempo ia passando foram chegando alguns feridos. Porém, raros apresentaram estilhaços, tendo apenas sido necessário suturar uma ferida na testa de um militar que tinha sido atingido por um deles.

Os curiosos também não eram poucos, como é natural. A maioria dos feridos tinha apenas pequenas escoriações, provocadas pelos trambolhões na precipitação de irem para as valas ou abrigos. Não havia feridos graves ou mortos, para grande contentamento de todos.

O comandante da unidade, assim como outros graduados entraram também na enfermaria para se informar do número e estado dos feridos.

Nessa noite, permaneci acordado durante bastante tempo para atender os militares e civis, que aos poucos vinham tratar de algum arranhão ou dor motivada por alguma queda.

Por fim, deixei-me dormir, se bem que tenha acordado, por diversas vezes, sobressaltado com os acontecimentos

que constituíram o meu batismo de fogo, ou por algum tiro desgarrado.

Espinhos num mar de rosas.

Infelizmente, na maioria dos casos, as vicissitudes e dificuldades que os militares passam na guerra ultramarina não são compreendidas por aqueles que, lá longe, julgam que esta vida não tem mais que alguns espinhos espalhados por um mar de rosas.

Efetivamente, se um militar se encontra comodamente instalado num qualquer quartel da metrópole, essas dificuldades não se sentem. Sabe lá ele o que é a guerra?

Mas, na realidade, no que respeita aos militares destacados na frente de combate em missão de soberania, cumprindo um dever que lhes é imposto, as dificuldades são outras. Estes dão graças a Deus por cada dia que passa sem que tenham de queixar-se do infortúnio ou mal que lhes aconteça!...

É natural rezar a Santa Bárbara quando troveja. Nestas paragens tal também acontece, mas com mais frequência, uma vez que toda a espécie de perigos nos espreita a todo o momento. É, pois, natural sentir-se uma enorme felicidade na manhã de cada dia quando se acorda ainda inteiro e de boa saúde, agradecendo a todos os santos tal benesse.

A Saudade.

A saudade tão típica dos portugueses é um dos sentimentos que mais afeta os militares da frente, na guerra ultramarina.

Quão estranho é o sentimento que nos assalta ao desfolhar um jornal, uma revista, ou um livro e neles encontrar fotografias de recantos por nós bem conhecidos da nossa metrópole!... Mal acreditamos no dia de amanhã quando revendo imagens e cartas, recordamos a família e amigos que ficaram desde há muito no extremo ocidental europeu.

Uma medalha, uma cruz, um simples objeto dado por alguém na hora da despedida, constitui uma simbólica recordação que nos acompanha sempre e por nós é contemplada com extrema saudade.

E quão prazenteiro não é imaginarmo-nos um dia com a comissão cumprida, de regresso ao nosso Portugal e então poder rever tudo aquilo que nos é mais querido!...

A ciência demonstra, com toda a razão, que o homem é um ser que se preza pela integridade da sua vida. Quantas vezes, na frente de combate, com os projéteis a silvar à nossa volta, nos lembramos da nossa família e amigos e da vontade de um dia poder revê-los?...

Ah!... Cresce-nos então no nosso íntimo uma tão forte vontade de sobreviver que, apertando com mais força a arma e confiantes no Além, nos lançamos em frente, face

ao inimigo, como autênticas máquinas, não olhando ao perigo. Isto é a luta pela sobrevivência, isto é a guerra!

Um passeio pela tabanca.

Lembrei-me hoje de fazer uma visita à aldeia. De passagem pela enfermaria meti alguns medicamentos nos bolsos e dirigi-me para a tabanca procurando espairer, ao mesmo tempo que procurava ver e sentir mais de perto o bulício da povoação africana.

O chefe do serviço de saúde da unidade é, entre estas gentes, considerado uma pessoa importante, pois que para eles a saúde tem muito valor. Os valiosos serviços que o furriel enfermeiro presta à população valem-lhe o honroso apelido de médico.

O meu passeio tinha então começado. Dirigi-me para o início da rua principal da aldeia, cortei depois à direita, seguindo por uma das ruas laterais com casas de ambos os lados, à porta das quais se encontravam os seus habitantes.

- “Al soma, pessoal!...” (Boa tarde, pessoal!), cumprimentava eu, dirigindo-me àquele grupo de homens, mulheres e crianças que, ora dormitando, ora conversando, descansavam à sombra do telhado ou de alguma árvore mais frondosa.

O “tam-tam” caraterístico de um pilão, o chorar de uma

criança, ou a voz autoritária de algum “homem grande” (casado), interrompia esporadicamente aquele sossego,

Embora expectável, também estes homens e mulheres, demasiadamente expostos e habituados à guerra, reagem instantaneamente a qualquer ruído fora do comum, como ao ruído das “saídas” das armas inimigas, isto é, um barulho muitas vezes quase impercetível do disparo à distância de um canhão sem recuo inimigo.

Parei junto de um destes grupos. Bancos, cadeiras ou objetos idênticos, apareceram de todos os lados, para me sentar. Era na realidade um belo acolhimento este que os meus habituais clientes da enfermaria me faziam.

- Pessoal, corpo está bom? Manga de calor bi!... (muito calor) Os sorrisos emolduravam-se nos lábios dos meus anfitriões e um agradecimento surgiu em uníssono: - “Abarca!...” (obrigado), disseram eles no seu idioma mandinga.

Um homem idoso mostra-me um livro primorosamente encadernado com umas vistosas capas em couro e folhas já envelhecidas pelo tempo e pelo manuseamento, com texto escrito de aparência árabe. Era o Alcorão, estava na hora da oração.

Os muçulmanos vestem, quando rezam, um hábito branco que lhes chega aos pés. Pelos gestos, entendi que ia ser lida uma passagem do Alcorão. As orações começaram. Pus-me de pé em sinal de respeito.

O homem grande, mais velho do grupo, depois de

cantarolar uma prece, pôs-se de joelhos, e em fervoroso ato, beijou o chão. Toda a assistência o imitou.

Mais alguns rituais foram feitos, seguindo-se-lhes a leitura do livro sagrado, feita por dois homens. Um deles cantarolava uma determinada frase em ladainha, que era depois respondida ou completada pelo outro e, por vezes, também pela assistência. Todos os presentes assistiam ao ato com o maior dos respeitos. Acabei por sair dali sem me fazer notar para não interromper a oração.

Continuei o meu passeio por mais algumas dezenas de metros, absorto com os meus pensamentos. A certa altura alguém me puxou pelas calças!... Olhei!...Deparei com o Mamadu Sonco, um menino de cara bem patusca que há dias atrás eu tinha tratado de uma crise de paludismo.

Por gestos, cumprimentei-o, admirando aqueles dentes branquíssimos a destacar-se de uma boquita muito sorridente. Era o meu companheiro habitual nestes passeios. Dei-lhe a mão e prosseguimos juntos, o nosso passeio.

Não tardou que o Mamadu encontrasse mais alguns companheiros, também meus amigos, o Umaru Candé, o Sonco Seidi e outros vieram juntar-se ao grupo, alegres e sorridentes, tentando demonstrar, através de gestos, aquilo que não podiam dizer de forma a entendê-los, por eu não compreender a sua língua.

Distribuí pelos meus jovens companheiros de passeio alguns comprimidos de vitaminas de cores garridas que

eles muito agradeciam e que metiam e tiravam da boca para os admirar, por serem demasiado bonitos para se comerem.

Falso alarme!...

Permitam-me agora uma interrupção na descrição do meu passeio pela tabanca para contar que hoje é dia 2 de abril de 1973. São vinte e três horas. Estou num abrigo à prova de bomba, segundo a opinião de militares nisso entendidos, facto de que não me convenço absolutamente.

O ambiente que me rodeia é acolhedor, senão reparem: encontro-me sentado a uma mesinha colocada a um canto do abrigo. Sobre ela, um candeeiro feito com invólucros de granadas de “morteiro 81”, uma garrafa de whisky, alguns aerogramas e uma enorme faca de mato. A um dos lados está o meu rádio pelo qual ouço neste momento o “PIFAS”, programa das forças armadas, que iniciou a sua emissão noturna há momentos.

Atrás de mim, deitados nas suas camas, estão quatro camaradas descansando. A um canto está um rádio intercomunicador ligado e em escuta, cujo barulho é quase abafado pelo ruído das duas ventoinhas que mantêm o ar em circulação no abrigo.

Acontece que neste dia foi recebida mensagem que

dava conta que Guidage poderia “embrulhar” (ser atacado) mais uma vez, a terceira desde que cá me encontro.

Procurou-se guardar o máximo sigilo para não alertar a população nativa, evitando que o inimigo tenha conhecimento, através de algum informador, da preparação que fizemos para o contra-ataque.

Neste dia, o jantar foi servido um pouco mais cedo e depois, se alguém quisesse bisbilhotar, podia ver toda a guarnição transportando cunhetes de munições para os abrigos e valas, com a maior discrição, mas com ar de quem encara resolutamente a situação.

Em todos pairava a expectativa e ansiedade. - Mais um para o rol, dizia-se... A noite iluminada, pelo luar, desceu lúgubre sobre Guidage. Tudo está nos seus postos desde as dezanove horas!...

A mensagem a que me referi dava apenas o ataque como provável. Contudo, como «o seguro morreu de velho», nem por isso deixaram de ser tomadas todas as medidas e precauções necessárias ao caso. É por esta razão que, a cada minuto que passa, nos podemos ver cada vez mais perto ou mais longe da possibilidade de termos “festa”!

Logo que terminei a minha refeição da tarde tive o cuidado de passar pela enfermaria e verificar se tudo estava nos seus devidos lugares, para se poder fazer face a qualquer serviço, caso as suspeitas de ataque se concretizassem.

Por fim, dirigi-me para o espaldão do “morteiro 81”, que ficava ao lado do meu abrigo, levando comigo a “canhota”, a G3, devidamente municada, que me dava um certo ar de “operacional”, segundo o entendimento dos meus camaradas.

O espaldão do morteiro não é mais que um poço de forma circular, cavado no solo, com cerca de um metro de profundidade, rodeado no seu perímetro exterior por bidões cheios de terra, servindo de proteção ao pessoal que ali se encontra. Em diversos buracos cavados nas paredes do espaldão estão guardados cunhetes de granadas, que nesta altura do ano mais se podem considerar ovos de Páscoa para o inimigo.

O morteiro não é mais que um tubo metálico, não muito comprido, montado num tripé que tem alguns instrumentos de pontaria. O tubo assenta num prato de ferro que faz com que a arma não se enterre sob a potente pressão exercida na altura do disparo da granada.

Esta arma pode, através do seu tiro, auxiliar eficazmente a defesa do aquartelamento, porquanto pode bater a zona, tanto perto como longe do arame e a eficácia da explosão da sua granada é terrível, segundo dizem.

De início todos os furriéis do meu abrigo foram para o espaldão do morteiro que se encontrava a nosso cargo, conversando, na expectativa que o esperado ataque tivesse início, para que lhe fosse dada imediata resposta.

Pelas 22h30m, como nada de anormal tivesse

acontecido, alguns dos meus camaradas vieram para o abrigo, por acharem não ser necessário tanto pessoal junto ao morteiro.

A guarnecer o espaldão estava agora eu e outro rapaz que, de ouvidos alerta, esperávamos pacientemente o desenrolar dos acontecimentos.

À nossa volta reinava a escuridão interrompida mais além pela luz dos projetores que iluminavam a zona junto ao arame farpado.

De vez em quando, ouviam-se alguns rebentamentos ao longe, que nos colocavam de imediato em alerta. Verificamos, por fim, que nada nos era dirigido, tratando-se de algum batimento de zona por outro destacamento bem longe do nosso. Por fim, resolvemos também vir para o abrigo, eram já 23h30m.

Já dentro do abrigo e sentado à mesinha de trabalho, posso constatar que todos parecem dormir. Temos a convicção de que se não houver ataque até cerca da uma hora da madrugada, poucas possibilidades haverá que o mesmo aconteça. De qualquer forma, nessa altura, toda a zona à volta do quartel será batida com fogo de obus, como medida de segurança.

Toca neste momento no PIFAS um fado de Coimbra, o Ave-maria” cantado por Luís Góis. Quantas saudades sinto dessa cidade!...

A música, difundida pelo programa das forças armadas, destina-se essencialmente a levantar o moral e a ocu-

par os tempos de ócio da tropa espalhada pela província. O programa é esplêndido, mas as lembranças que nos traz da civilização distante só nos entristece e aumenta as saudades.

Claro está que, no mato não padecemos apenas de tristeza. Também aqui temos momentos alegres e esperançosos.

Agora: Meia-noite menos quatro minutos!...Menos três!...Mais alguns momentos e mais um dia está passado! - Será que o inimigo terá um sentido de humor tão sádico que se lembre de atacar, mesmo agora?

Aí está!...zero horas neste momento. É dia 3 de abril de 1973. Mais um dia se passou.

Apenas mais um dia que ficou na história da minha comissão..."Amada...amante"... é a primeira canção que o PIFAS transmite neste dia. Logo ao amanhecer iniciará-se mais um dia de trabalho. Entretanto, enquanto o dia não amanhece, a noite continuará a ser uma incógnita.

Continuando o passeio pela tabanca.

Mas continuemos com o meu passeio pela aldeia a partir do ponto em que um pequeno grupo de petizes, todos tentando dar-me as mãos ao mesmo tempo, seguia comigo naquele devaneio.

Ali do lado esquerdo, está o Patrão Sonco que faz

“roncos” e “mezinhas” e é um hábil sapateiro.

- Vamos ver garotada!... Cá está ele sentado sobre uma pele curtida de um animal que não sei identificar, escrevendo meticulosamente num papel com uma pena de pato molhada, não sei em que espécie de tinta.

- Que é isso “pessoal”? - Isto ser “mezinha”, explicou ele fazendo passar entre os dedos tal preciosidade. Vi depois que copiava para o papel uma passagem do Alcorão, que depois seria introduzido numa pequenina embalagem de couro polido para ser colocada ao pescoço do seu protegido.

Existem imensas qualidades de mezinhas que se destinam a uma infinidade de fins. Há-as par as balas, para as doenças, contra feitiços, etc...

Já tinha constatado que a maioria dos africanos transportava consigo “roncos” e “mezinhas” deste género, desde as crianças aos adultos, cuja função sei agora mais concretamente.

Chegou agora de dentro da tabanca uma das mulheres do Patrão. Cumprimentou-me amistosamente, com um sorriso nos lábios. Tinha a cara cheia de rugas e na boca era notória a falta de dentes. Ao seu lado vinha uma rapariga bastante jovem que transportava ao colo uma criança que amamentava. Esta era a intérprete arranjada no momento pela mulher do sapateiro.

Trocaram-se palavras entre elas e, por fim, a rapariga que arranhava o português, dirigiu-se a mim, dizendo:-

Furriel, pessoal dizer que tem “manga de panca barriga e cabeça nadim”!

Realmente, as palavras não eram lá muito entendíveis mas, pelo menos, fiquei a saber que a mulherzinha tinha diarreia e lhe doía a cabeça, o que já era suficiente para a diagnosticar e medicar na circunstância.

Felizmente, tinha em meu poder o remédio indicado, tal era o número de casos que, como este, aparecem. Remexi os bolsos e escolhi alguns comprimidos que foram recebidos pela mulherzinha, de mãos abertas, reconhecidamente agradecida. Era a melhoria da sua saúde que tinha em suas mãos.

Mais algumas explicações, prontamente traduzidas pela improvisada intérprete, e a promessa que no dia seguinte passaria pela enfermaria para verificar o resultado do medicamento.

Despedi-me por fim do casal, que me apertou as mãos num infinito agradecimento, como se eu fosse uma autoridade na matéria, quase me deixando sem palavras por não ser merecedor de tal tratamento.

O passeio prosseguiu. Mais alguns miúdos vieram até nós pedindo as habituais vitaminas coloridas... - “Pessoal, parte mezinho”! (dá mezinho), Diziam eles. Desta vez, foi um dos acompanhantes que, abrindo o frasco das coloridas drageias, distribuiu, uma a uma por todos os elementos do grupo.

Mais adiante estava a casa do Chefe da Tabanca, um

“homem grande” ... quer dizer, casado, que é tido como chefe civil da população da sua etnia, a mandinga. Ele mesmo veio à porta da casa, acudindo ao chamamento dos meus acompanhantes. Cumprimentámo-lo, enquanto ele nos franqueava a porta da sua casa.

Aproximamo-nos. Desde há muito tempo que eramos amigos, especialmente a partir do dia em que lhe ofereci um cachimbo mais ou menos valioso que me tinham oferecido na metrópole, pensando que eu fumava.

Agora apareceu lá de dentro a Cadi Injai. Uma rapariga, digo, mulher, que ao ver-me, correu a cumprimentar-me. Ainda se lembrava do dia em que eu lhe assisti ao nascimento do seu primeiro filho, poucos dias depois da minha chegada a Guidage. Tinha agora uma criança cheia de vida que era o seu enlevo.

A hora do jantar aproximara-se sem que desse por isso. Tinha agora de regressar ao aquartelamento. Despedi-me dos meus pequenos companheiros, que na maioria me acompanharam até à entrada do quartel, voltando depois em direção às suas casas dizendo-me adeus com sorrisos e com as mãos a abanar em gestos amistosos. Na messe, o jantar estava já a ser servido. Sentei-me à mesa e vai disto ...

Não temos televisão, mas temos ação!...

Aqui não temos televisão! Mas quem não acredita que as cenas pelos nossos olhos aqui vistas ao natural não são melhores que as coboiadas da TV?

O “filme” que passava na noite de 2 para 3/04/1973 findou pelas zero horas e cinco minutos de 3/04 quando um estafeta trouxe aviso, informando que se até à uma hora não houvesse ataque, seria feito um batimento de zona pelos nossos obuses aos locais suscetíveis de utilização pelo inimigo para nos atacar à distância.

Assim foi!... à hora marcada, toda a região à volta do quartel estremeceu com o barulho dos disparos dos nossos obuses e sucessivo rebentamento das granadas. Depois lá me fui deitar, um pouco mais descansado por não ter havido resposta aos nossos disparos. Descansado, como quem diz. Para dormir havia fracas possibilidades, pois que qualquer ruído estranho me acordava em sobressalto.

Já de madrugada, consegui dormir, acabando por acordar um pouco mais tarde que o habitual.

- Não seria este episódio tema para uma curta-metragem?

Os filmes do género da “grande guerra” com bombas e tudo o mais, são aqui bem diferentes, pois que as balas e granadas são de verdade, ferindo e matando também de verdade. Qualquer semelhança com o estalejar de

foguetes e o crepitar das fogueiras de São João é pura mentira.

Do mesmo modo é muito difícil imitar com êxito o papel dos artistas cinematográficos que conseguem ter sete e mais vidas, como os gatos, no desenrolar da ação!

Agora é a sério!...

Seriam sete horas da manhã do dia 6 de abril de 1973 quando eu, na companhia de mais alguns camaradas, tomávamos calmamente o pequeno-almoço na messe. O pão e café estavam até a saber bem e o açúcar, contrariamente ao costume, até nem tinha estilhaços.

A dado momento ouvimos um enorme barulho, semelhante ao rebentamento simultâneo de muitas bombas de foguete, no auge de um festival pirotécnico.

Levantei instintivamente a cabeça, deveras admirado com semelhante ruído!... Mas a verdade é que, quando menos contava, vi-me repentinamente envolvido numa grande barafunda em que cada um tentava sair o mais rapidamente possível da sala, correndo em direção a uma barricada de bidões que se encontrava atrás da messe, do lado da vala.

Mesas e cadeiras rebolaram pelo chão, arrastando com elas pratos canecas, e talheres, que se espalhavam pelo chão.

Claro está que não ia ficar ali parado, a perguntar às paredes que era aquilo e, de um pulo, galgando os destroços espalhados pelo chão, corri no encalce dos meus camaradas, para detrás da mencionada barricada.

Tinha começado mais um ataque inimigo ao arame. Os meus camaradas estavam já atrás dos bidões esperando uma oportunidade para saltar para a vala para poder agarrar numa arma e fazer fogo contra o inimigo que estava mesmo à nossa frente, fazendo fogo cerrado.

Não me era possível saltar para a vala nessa altura pelo que, rastejando, procurei melhor resguardo na barricada. As balas e outros projéteis inimigos passavam por cima de mim zunindo ameaçadoramente. Por todos os lados sucediam-se os rebentamentos das granadas inimigas fazendo tremer o chão.

Já atrás da barricada e, passados alguns segundos de ter fugido da messe onde antes me encontrava, ouvi um valente estrondo mesmo atrás de mim, que me deixou deveras atrapalhado. - Esta caiu perto, com o diabo!... Depois ouvi um barulho parecido com qualquer coisa que rebojava pelo telhado abaixo e, alguém gritou:- Aiiiiiii!.... - Já me coseram!...

O grito partira alguns metros atrás de mim e em tudo se parecia a voz do cabo enfermeiro Alheira.

Voltei-me instintivamente e deparei com o rapaz tirando uma mão ensanguentada das costas. Corri para ele. Verifiquei o ferimento! - Calma Alheira! Não foi

nada... - Apenas tens aqui uma pequena ferida junto à coluna vertebral provocada por um estilhaço, mas nem sequer perfurou!...

Por sorte, o ferimento era superficial e o sangue foi logo estancado com uma compressa que costumava sempre trazer comigo. Contudo, era deveras confrangedor o desespero do meu amigo que se lamentava ter sido ferido mesmo no fim da comissão.

O inimigo que se encontrava mesmo à nossa frente, junto ao arame que delimitava o quartel, continuava a fazer fogo incessantemente.

A toda a pressa, os nossos militares pegaram em armas e saltaram para as valas e espaldões das peças de artilharia, abrindo fogo sobre o inimigo, que nem por isso deixou de nos continuar a alvejar.

De uma janela atrás de mim saltou um alferes armado até aos dentes que, distribuindo algumas armas, se lançou com mais alguns camaradas para a vala que estava à nossa frente. O assédio atacante inimigo diminuiu à medida que a nossa tropa começou quase de certeza a provocar-lhes baixas, retirando apressadamente. Os nossos morteiros e obuses batiam agora a retirada do inimigo.

Verifiquei que o Alheira podia andar e, ajudando-o, encaminhamo-nos para a enfermaria. - Furriel Saraiva!.... Olhe ali!...Exclamou um enfermeiro que estava perto. Voltei-me e vi incrédulo o grande buraco rasgado no

telhado da messe onde me encontrava no início do ataque. Aproximei-me: mesas, cadeiras, louça, talheres e copos encontravam-se agora misturados com caibros, latas, tijolos e estilhaços, numa grande barafunda. - Que seria de mim se não tivesse querido perder o meu pequeno-almoço?

Mesmo a sério, até no ar!...

Há um ditado que diz que um mal não vem sozinho! É verdade, sim senhor, e eu que o diga! Voltemos ao ataque de 6 de abril de 1973.

No dia anterior, o comandante do destacamento tinha-me comunicado que eu seguiria no dia seguinte (6/4/1973) no avião de setor para Bigéne, onde devia permanecer por algum tempo, para substituir um furriel enfermeiro que se encontrava ausente, em Bissau.

O ataque deu-se de forma tão inesperada que poucos contavam com tal proeza do inimigo. Para fazer a evacuação de feridos graves, foi pedido um avião que, passando por Bigéne, transportou para Guidage o comandante da zona, o COP3 a que esta unidade pertence.

Depois de carregado, o avião seguiu rumo a Bissau, transportando os feridos.

Alguns minutos depois, chega-me a informação de que outro avião, o avião de setor, que semanalmente fazia

escala por Guidage, deixara de ter contacto com a base e com todos os postos de transmissões da zona. Tinha desaparecido!... Nele viajavam, a caminho de Guidage, um furriel piloto, um médico, um primeiro-sargento e um cabo de transmissões.

Entretanto, foi pedido outro avião para nova evacuação, ao mesmo tempo que da base aérea de Bissalanca deslocavam aviões em busca do avião de setor.

As preocupações e apreensão eram evidentes. - Que estava acontecendo à nossa volta? À volta de Guidage!...

Adada altura parou um unimogue à porta da enfermaria, buzinando incessantemente. Dele foi retirado um homem inanimado com ferimentos gravíssimos! Impunha-se uma nova evacuação. Dirigi-me para o posto de transmissões, Soube que o avião estava demoradíssimo.

Nova inquietação: O avião destinado a fazer a segunda evacuação, o terceiro que se dirigira hoje para Guidage, foi atingido no trem de aterragem tendo-se desviado para Bigéne, onde teve de fazer uma aterragem de emergência.

Novo avião foi pedido. Este chegou por fim, voando a uma altura fantástica. Aterrou depois de ter dado diversas voltas a Guidage para perder altura. O ferido, quase moribundo, apesar de todas as medidas que foram tomadas para salvá-lo, foi então colocado a bordo. Com ele seguiu o comandante de Bigéne, que deveria ficar

na sua unidade, e um cabo enfermeiro, além do piloto. Levantou depois voo. (...)

Voltei ao posto de transmissões para saber o que se tinha passado com os outros aviões. Momentos depois, entram de roldão no posto de rádio alguns graduados visivelmente sobressaltados. Lá fora tinha sido ouvido um estrondo à distância, alguns minutos após a descolagem da última avioneta!... Procuramos a todas as unidades da zona se sabiam do seu paradeiro. Ninguém dava informação a seu respeito. Hoje, dia 13/04/1973, ainda é dado como desaparecido.

Os aviões foram abatidos com mísseis terra-ar inimigos.

Resumindo: A minha saída para Bigéne não aconteceu, pelo que também nada me aconteceu, graças a Deus!...

Um pormenor: muitos dos meus camaradas que sabiam que eu seguiria no último avião com o comandante de Bigéne, ao ouvirem o estrondo, que de imediato relacionaram com o evidente abate do aparelho, lamentavam, pesarosos o acontecimento, exclamando:... “lá se foi o Saraiva!...” (...)

- Estou aqui!!!!!!!... com um catano!... Gritei eu, quando de tal me apercebi!...

Chorei emocionado e feliz por ainda estar vivo!...

Sonhar, até acordado!...

Sonhar, que bom! Quem não gostaria de sonhar, mesmo que fosse acordado? Realmente, sonhando-se esquece-se ou tenta-se esquecer por momentos aquilo que nos rodeia. Sonhar com coisas que intimamente pensamos que jamais possam acontecer é assunto difícil de suportar.

Quando, como aqui em Guidage, o dia de amanhã é uma incógnita e o momento que se passa um constante desassossego, o militar tenta encontrar forma de conseguir alguma evasão do pensamento, procurando consciencializar-se da realidade, apenas quando inevitável.

O jogo, para uns, a bebida para outros, são formas de procurar passar melhor o tempo. Para mim, consigo-o escrevendo, liberto a minha mente de toda uma infinidade de preocupações que me afligem. Consigo-o, escrevendo tudo o que sinto. Como não pretendo que a família e amigos saibam da minha atual situação, não me agrada escrever-lhes, pois terei de lhes mentir.

Compreensivelmente que me custa escrever aos meus pais, informando-os erradamente que estou em Bissau, otimamente instalado e de boa saúde. Mas se eles, familiares e amigos soubessem o que na realidade aqui se passa!...Bem!...De qualquer forma, escreva ou não, não temos possibilidade de enviar correio, porque as

comunicações aéreas foram canceladas e por isso estamos isolados do exterior pelo ar.

Uma outra forma de passar o tempo é imaginar coisas, sonhando acordado, uma vez que a dormir só se sonha com guerra.

Tinha acabado de almoçar. Estava ainda ensonado. Mas para quê dormir se depois, em resultado, mais tempo ficava acordado durante a noite? Fui até ao meu armário que fica a um canto da enfermaria. Abri-o e olhei: pendurado, estava um calendário cujas folhas vou destacando diariamente.

É com algum prazer e esperança que ao anoitecer subtraio mais um dia das folhas do calendário sem ter de me queixar de algum acontecimento, para mim diretamente nefasto. Sobre uma mesa estão as minhas lembranças e recordações, bem como os meus álbuns de fotografias que tantas vezes desfolho com lágrimas nos olhos. Por vezes, lamento ser sentimentalista. Mas quem é que não o é nestas circunstâncias?

Uma coluna atribulada. (O Fixa)

Hoje é quinta-feira santa. Estamos portanto na Páscoa. Contudo, estou certo que o inimigo não dará tréguas durante a Semana Santa. É natural que muitos dos seus chefes até sejam católicos, mas a maioria deverá professar

outras religiões. A prova está patente nos acontecimentos do início desta semana.

Era terça-feira, dia 17 de abril de 1973. Mais um dia memorável para a história de Guidage. Com o fim de se fazer o reabastecimento ao destacamento, foi feita uma coluna auto a Binta, onde a mercadoria aguardava transporte para cá.

Mais de dez berliets com mais de cem homens, entre militares e civis partiram na madrugada desse dia. À frente, um grupo de picagem procurava detetar alguma mina ou armadilha, anticarro ou pessoal. O resto da coluna seguia atrás, vagarosamente.

Existe um nativo de nome “Fixa” que, segundo o que se conta, tem sido um dos melhores auxiliares civis na defesa de Guidage. Tinha-se ele posto a caminho de Binta, a pé, algum tempo antes da coluna.

Dizem que o Fixa é bruxo, ou que tem qualquer coisa de sobrenatural e embora pareça ridículo, somos levados a acreditar na sorte que aquele homenzinho tem tido.

Já não é a primeira vez que ele aparece com restos de munições e testemunhos indiciadores da presença do inimigo, antes mesmo de as nossas tropas fazerem reconhecimento da zona.

Dizem que o Fixa é quem mais informações traz ao comando da unidade sobre manobras do inimigo.

Também faz amuletos e mesinhas contra todos os

males, que os soldados africanos e população em geral usam religiosamente.

Tem o Fixa uma característica fantástica: o seu andar. Quando o vi pela primeira vez custou-me acreditar. Andando ele em passo estugado, mas sem correr, consegue aguentar qualquer homem normal em passo de corrida.

Tinha-se já andado um bom pedaço dos cerca de vinte quilómetros que separam as duas povoações, quando o grupo de picagem depara com o Fixa sentado na beira da picada. Tinha-se procedido à picagem, apesar do Fixa assegurar ao comandante da coluna que por onde ele passasse não haveria minas, ou então elas rebentariam à sua passagem sem que lhe causassem qualquer dano. Na verdade, não tinha sido detetado qualquer engenho explosivo, ou verificada emboscada inimiga, até ali.

Conta-se que, de uma vez, numa situação idêntica, o Fixa tropeçou no arame de uma armadilha que rebentou sem que lhe fizesse algum mal, o que nos levava a acreditar que, com a velocidade com que ele habitualmente anda, lhe foram suficientes os escassos segundos que o detonador da bomba leva a ser acionado, para ele já ir longe no momento em que se deu a explosão, o que sinceramente é bastante difícil de acreditar. Contudo, os africanos continuam a pensar que isso deve ter acontecido e continuam a olhá-lo como a um mago.

A coluna parou na altura em que o Fixa apareceu. Foi uma pequena festa. Eu, que estava acompanhando

a coluna pela rádio, pude disso me aperceber pelas informações que transmitiam.

Então o homenzinho puxa de uma pequena vasilha que continha água, talvez com alguma mesinha e em cerimónia simples e grotesca espargiu os pescoços daqueles que seguiam na picagem, incluindo neste ato o cabo enfermeiro que seguia na coluna, pela boca do qual estou relatando este acontecimento.

Não tardou que o Fixa se despedisse e retrocedesse em direção a Guidage. A coluna prosseguiu desta vez com redobrada precaução.

Creio bem que não teria passado muito tempo quando vimos entrar no quartel o Fixa! - Ena pá!... Ele desta vez exagerou na velocidade! Sorrimos, admirados, no grupo que em volta do comandante da unidade se mantinha em contacto permanente com a coluna, através da rádio.

O Fixa chamou de parte o comandante da unidade e momentos depois foram dadas ordens para toda a gente ocupar os postos de combate... Algo corria mal! - Que seria?

O Fixa dissera ao comandante que foi intercetado por um grupo inimigo, já perto de Guidage, que apesar de este ter feito fogo contra ele, não o atingiram e que a sua pressa era também para dizer que tinha visto diversas pegadas inimigas muito recentes junto a Guidage.

A defender o quartel não havia mais de quarenta homens (!...) metade dos quais seria incapaz de se

defender sob um ataque, atendendo a ferimentos e ao seu estado de espírito.

Os obuses foram virados para a picada onde seguia a coluna. As crianças e mulheres desapareceram nos abrigos. As ruas e parada ficaram instantaneamente desertas. Mais uma vez os nervos e a expectativa tomaram conta de nós.

Corri para a enfermaria onde dispus o material para acorrer a qualquer ferido. Estávamos nas piores condições possíveis e imaginárias atendendo às circunstâncias atrás relatadas e não se poder contar com qualquer evacuação aérea desde o último ataque.

Competia ao pessoal do serviço de saúde fazer os possíveis para tratar e salvar a vida aos feridos, custasse o que custasse. Contudo, hoje, dia 19 de abril de 1973, continuávamos ainda sem a possibilidade de fazer evacuações por via aérea.

Sem aviões também não há correio, o que faz andar toda a gente num lamentável estado de nervos. A nossa companhia (C. Caçadores 19) estava a ser cruelmente massacrada.

Não tardou que as más notícias chegassem da coluna. Um militar africano, quando procedia à picagem fez explodir uma mina que o atingiu violentamente. Teria de ser evacuado urgentemente. Seguiu para Binta, para depois ser evacuado para Bissau.

Na altura em que a mina feriu gravemente o militar

africano que procedia à picagem, um primeiro-sargento, que seguia na coluna com destino à metrópole para gozo de férias, avançou para socorrer o ferido e desarmar outra mina, que entretanto foi detetada pelo próprio ferido.

Lamentavelmente, quando o sargento avançava para desarmar a mina não deu conta da existência de outras duas que estavam colocadas junto à primeira. A sua sorte foi tão pouca que ao rastejar para o objetivo tocou com o peito nestas duas últimas minas que deflagraram debaixo dele.... Foi terrível!....

Desenrolou-se então uma cena macabra perante os olhares horrorizados daqueles que a viram e foram atingidos pelos restos mortais do sargento que teve morte imediata. - Que Deus o guarde!

A companhia tinha até há pouco tempo dois primeiros-sargentos. Um deles foi abatido com uma avioneta no desenrolar do ataque de 6 de abril de 1973. O outro, que agora ia de férias e tinha por missão apresentar condolências em nome e representação da companhia à família do primeiro, também o destino o levou.

A coluna prosseguia o seu caminho depois de recolher os despojos de tão funesto acontecimento, fazendo deflagrar minas à custa de sucessivos rebentamentos de granadas de mão.

Agora, a pedido do comandante da coluna, era feito para junto da picada fogo de obus, tanto de Guidage como de Bigéne, quando entendido necessário para segurança

da coluna. Os rebentamentos ouviam-se nitidamente aqui no quartel.

Chegaram por fim a Binta. Os homens estavam estoirados, sedentos e psicologicamente afetados. Contudo, o descanso foi pequeno. Era necessário carregar as viaturas e regressar o mais rápido possível a Guidage.

A coluna de regresso arrancou por fim. Os obuses de Guidage voltaram a bater os lados da picada, à medida que a coluna prosseguia a sua marcha, quando pedido pelo comandante da mesma.

A picada foi de novo rebuscada, temendo-se a implantação de mais minas, ou uma emboscada inimiga. O regresso a Guidage foi feito, tal como a ida, todo a pé, portanto muito demorado, o que se tornava cada vez mais perigoso porque estava já a anoitecer.

Anoitecera por completo! No aquartelamento todas as atenções iam para a rádio e os olhos e ouvidos perscrutavam o horizonte à espera de algum sinal da coluna, ou qualquer ruído denunciador de contacto com o inimigo. Finalmente a coluna chegou a Guidage sem ter ocorrido mais qualquer percalço.

Todos estávamos contentes, apesar dos trágicos acontecimentos ocorridos durante o dia. O contentamento era geral e natural, pois que todos sofremos e todos sentimos de perto o perigo.

Tínhamos plena confiança de que sairíamos sempre vencedores, o que, contudo, nos custaria muitas

vidas e sofrimento. Era pois razão suficiente para nos inquietarmos, sem dúvida.

No dia seguinte tudo parecia ter passado. No reabastecimento tinha vindo cerveja que todos bebiam sufregamente, depois de lhe termos feito abstinência durante largos dias. A boa disposição voltava, a pouco e pouco ao aquartelamento. Os ânimos acalmaram-se, embora permanecesse um sentimento de desconfiança, apreensão e ansiedade em todos nós.

Domingo de Páscoa.

Hoje, dia 22 de abril de 1973 é Domingo de Páscoa no mundo católico. Bem! Escusado será dizer que nestas terras onde o inimigo professa outras crenças, tanto este dia como a sua solenidade passam desapercibidos.

Temos porém quase a certeza de que não será nestes dias que a simbólica pomba da paz voará à vista de ambas as partes beligerantes.

Realmente, as minhas desconfianças tornaram-se realidade para Bigéne que “embrulhou” na Sexta-feira Santa, tendo sido atacada sem dó nem piedade, apesar da solenidade do dia.

No decorrer dos acontecimentos, fomos ontem (sábado) informados de um provável ataque ao nosso aquartelamento nesse dia, o que felizmente não sucedeu.

Contudo, a informação também se estendia ao dia de hoje.

O domingo de Páscoa nasceu das tenebrosas brumas de uma noite inquietante. O sol raiou de novo na manhã calma de Abril.

A incerteza de um possível ataque paira no ar e um simples tiro é suficiente para nos sobressaltarmos e ficar em alerta máximo. É Páscoa! Não teríamos nós católicos direita a um pouco de sossego?- Parece que não!

A vida é feita de aventura!...

Já passara mais de dois meses desde que aqui cheguei. Guidage tem sido para mim uma lição de vida: O contacto com o povo africano e o lidar com militares calejados na arte da guerra, tem-me vindo a mostrar uma nova faceta da vida:- A vida é feita de aventura!..

O estado de constante incerteza que aqui se vive está intimamente ligado ao género de guerra que sustentamos. Assim, nenhum de nós pode acreditar seguramente na sua sobrevivência em cada momento que passa. Daí o quase permanente estado de ansiedade que nos aflige.

Quem confia então no dia de amanhã?- Sim, confiamos todos, eu e os meus camaradas!.. Mas que confiança pode ser essa? - Cem por cento de otimismo, claro está, porque

outra não pode ser. A todo o momento o inimigo pode atacar e ceifar a vida de muitos.

- Quem é que pode então estar seguro? Felizmente somos rapaziada nova, cheia de vida e conscientes de que nos temos de defender hoje para poder viver o dia de amanhã. Com otimismo e não pensando no perigo que permanentemente nos ameaça, procuramos viver e sobreviver.

Amuletos e roncós.

São vulgares os cordões, argolas, panos e missangas a ornamentar o pescoço, braços, pernas, cabeça e tronco da mulher africana.

As matérias-primas para estes ornamentos são variadas: Botões coloridos, contas, conchas, raízes de árvores, missanga e tantos outros. As pulseiras e braceletes formadas por vários arcos metálicos e anéis de características bizarras são tidas como roncós decorativos.

De entre os roncós existem os mais valiosos, em prata de Bafatá, que são os mais cobiçados. Os roncós são de uma maneira geral dotados de uma riqueza policrómica assinalável.

Os amuletos são constituídos por almofadas de pequenas dimensões, contendo relíquias e mezinhas, que

são suspensas por cordões de couro ao pescoço ou presos nos braços, pernas e tronco.

Cada um destes amuletos tem o seu fim e é por isso que, quando um soldado africano sai para o mato, os leva, depositando neles fé e confiança.

A consulta externa de saúde.

Todos os dias, pela manhã, aparecem junto à enfermaria inúmeros membros da população, tanto de Guidage, como da vizinha República do Senegal. Homens e mulheres, muitas delas com crianças, sentam-se no extenso banco à porta da enfermaria, aguardando a sua vez para serem atendidos.

Uma vista de olhos por este grupo permite-nos identificar mais que uma etnia, com os seus dialetos, vestimentas e usos característicos. Os roncros são predominantes nas mulheres.

Um a um estes homens, mulheres e crianças vão entrando e são encaminhados para uma secretária onde eu ou o meu camarada de especialidade nos encontramos a fazer os diagnósticos, por falta de médico.

Estou sentado à secretária em mais um dia em que o pessoal acorre à procura de “mezinho” para tratar os seus males.

À porta está um enfermeiro que vai deixando

passar os “clientes”, à medida que os outros vão sendo despachados.

À minha frente está um enfermeiro africano que é o meu intérprete, uma vez que eu não sei falar os dialetos fula e o mandinga, predominantes na zona.

Logo à frente, junto a uma mesa repleta de material de penso, rodeada de bancos, estão mais alguns enfermeiros. À minha direita, um enfermeiro ocupa-se das injeções que são preparadas numa mesa onde se encontra uma máquina esterilizadora a petróleo.

Entra mais uma cliente: uma senegalesa de grande estatura com aparência de ser “mulher grande” (casada), pela forma de vestir e roncões que usa. O meu intérprete vai-lhe fazendo as perguntas que eu lhe indico, de acordo com as circunstâncias.

Nome, idade, nacionalidade? ... (para registo) - De que se queixa? Vou perguntando perante os gestos envergonhados e incrédulos daquela mulher que, certamente, se encontrava pela primeira vez frente a um suposto médico com mezinhas muito diferentes das que os seus curandeiros lhes dão!

Diagnosticar, nestas condições, é bastante difícil, sem dúvida. Repare-se nas queixas que geralmente aparecem: Dor de pito (peito), de cabeça, de pernas, corpo quente, etc.... Para se descobrir uma doença são necessárias bastantes perguntas que, na maioria das vezes, não são compreendidas.

Clientes, há-os com uma simples dor de cabeça ou um pequeno arranhão. Depois do paciente dar as suas queixas e respondidas as perguntas que lhe foram feitas, poderei ficar com uma ideia da causa do seu mal-estar, diagnosticando-a e tratando-a, se tal estiver ao meu alcance ou do colega de especialidade.

Quando o diagnóstico se torna difícil ou impossível, sempre poderei entrar em contacto, via rádio, com um médico para resolver o problema.

Se o caso não for urgente, deve-se fazer aguardar o paciente até à próxima visita do médico do setor, que deixou de haver, desde que foi abatido o avião que o transportava, conforme atrás reportei.

Contudo, a grande maioria das doenças são de fácil diagnóstico. São vulgares os casos de paludismo, diarreias, dores reumáticas, etc.... As feridas, inchaços, mordeduras de animais venenosos, são frequentes. Infelizmente, detetam-se por vezes casos de febre-amarela, lepra e varíola, que são de imediato evacuados.

A “dor de pito” é uma maleita frequente. Na maioria das vezes, não passa de uma constipação e outras vezes, muitas por sinal, trata-se de paludismo.

Consegui finalmente diagnosticar a paciente senegalesa. Outro tanto trabalho foi necessário para lhe explicar como e quando se tomava o medicamento.

Segue-se uma outra paciente. Esta já conhecida. Entregou-me um cartão que usamos para registar

os tratamentos já feitos. No cartão tinha registos de numerosas doenças, desde paludismo, constipações, diarreia, escoriações, contusões, etc. Aqui a temos com mais uma doença. Desta vez “dor de olhos”!

- Mas ela já não tem aquele inchaço na perna esquerda de há dias? Perguntei. - Não, já não tem nada na perna! Ela diz que está bem da perna e que só lhe doem os olhos! Disse o meu intérprete. Pronto, está bem! Vejamos o que tem nos olhos. Levantei-me para a examinar e verifiquei que, realmente, tinha os olhos inflamados.

- Como foi isso, perguntei? - Não sei! Apareceu hoje, respondeu a mulherzinha por gestos. Sim senhor, vamos lá tratar disso: - Ponha esta pomada, “assiiiiim...”, exemplifiquei, em cada olho, de manhã e à noite e se não curar, volte à enfermaria, está bem?

Entretanto registava num livro a consulta, o diagnóstico e a respetiva medicação e averbava a doença no já mencionado cartão. Pronto, pessoal, “abanta, al soma”!... (Pronto minha senhora, pode ir embora, bom dia.) Dizia eu em tom de despedida.

E assim, deste modo, se vão prolongando as consultas durante toda a parte da manhã. Ao meu lado, o rádio transmite boa música, que sempre alegra o ambiente.

De vez em quando, lá aparece um doente com uma ferida a inspirar cuidados acrescidos. Suspendo o meu serviço e procuro tratar pessoalmente, o melhor possível estes casos.

Por vezes, os miúdos da aldeia vêm visitar-nos. Gostam de nos ver tratar dos homens grandes e ficam entusiasmados quando lhes damos algum frasco vazio, ou umas drageias de vitaminas. É um prazer vê-los a rir, abraçados a nós, em carinhosas meiguices.

Muitos deles já foram aqui tratados, mas todos detestam injeções, a que dão imediato nega através de um sinal bem característico que consiste em bater com o cotovelo no peito, num gesto brusco acompanhado da exclamação “nega próprio” (não quero).

Mas o serviço de saúde não atua somente na enfermaria. Também é extensivo ao domicílio, na tabanca de Guidage. Por isso, é vulgar recebermos pedidos para observar qualquer doente, ou fazer um determinado tratamento ou penso a pessoas que não possam vir à enfermaria por motivo ponderoso.

Sonhando de novo!...

Sonhar para melhor passar o tempo, é coisa acostuada por aqui. Afastar as incertezas do dia-a-dia, esquecer a esmagadora realidade. Sonhar, que bom!...

- Se um dia sair desta terra de boa saúde, que farei? Que farei, como exteriorizarei a minha alegria? Deixa-me cá ver:

Quem me dera calcorrear de novo os caminhos pelos

campos que rodeiam a Coriscada, na Beira Alta, terra de meus pais. Que entusiasmo seria o meu de voltar a pegar na minha bicicleta e passear pelas redondezas?

Quão bom seria ver-me, de um ápice, junto dos meus pais e amigos!.. Seria pela certa um milagre. Milagres como este são sem dúvida conseguidos... “sonhando”. Mas, na verdade, que poderei esperar da vida neste buraco?

Que pena tenho em pensar que, um dia, ao chegar à metrópole, já não deverei encontrar alguns dos meus melhores amigos! O que a vida nos reserva!...

Muitas vezes recordo-me do monte de Santa Bárbara, com a sua capelinha, na Coriscada. Tantas vezes ali estive em devota romagem e até mordomo fui, numa festa, em honra da santa.

E a festa principal da Coriscada em honra do Divino Senhor da Boa Esperança? Apesar de ter as férias marcadas para essa altura, não posso de forma alguma ter a certeza de as poder gozar. Será que poderei sair daqui nessa altura?

Muitas vezes, pergunto-me quando terei de novo a possibilidade de passear pela Serra da Estrela e tomar banho no rio Zêzere, junto da quinta dos meus amigos Manso. É engraçado! - Ora imaginem só qual não seria o meu gosto em estar na companhia do meu tio Luís Tavares! Belos momentos da minha vida a ele os devo!

Ah!... Mas se o sonho fosse realizável, quão agradável não seria ver-me, desde já, de regresso a Bissau! ...

O nosso abrigo

São 21h30m do dia 26/04/1973. Estou no abrigo onde me instalei desde que cheguei a Guidage. Aqui estou na companhia de mais três furriéis. Um atirador de nome Arroja, outro de transmissões, o Rodrigues, e o enfermeiro Crisóstomo.

É um compartimento relativamente pequeno, mas primorosamente arranjado por nós. Ao comprido, de par a par, estão quatro camas, formando um corredor entre elas. Ao fundo deste corredor, e encostada à parede, está um caixote que serve de mesinha de cabeceira onde se arrumam alguns livros e objetos pessoais. Sobre ele está um candeeiro feito de um antigo lampião a petróleo, com uma lâmpada elétrica de cor amarela.

No início do corredor e junto à porta está uma mesa forrada a pano cor-de-rosa, que é a nossa secretária. Aqui lançamos no papel as nossas mensagens para aqueles que lá longe nos são queridos. Nesta mesa estão, além de alguns blocos de cartas e aerogramas, um candeeiro feito com dois tubos de cartão de invólucros de granadas de morteiro 81 e duas ventoinhas. Uma cadeira completa o conjunto.

Entre a mesa e a porta está um outro caixote, que serve de estante, e onde se colocam algumas revistas e outras leituras. O chão do corredor é coberto por uma esteira de palhinha sobre a qual estão dois invólucros de granadas que servem de cinzeiro. Um outro invólucro de maior dimensão, que está junto à porta, serve de caixote do lixo.

Uma das paredes do abrigo é forrada por um contraplacado onde estão colados diversos posters e fotografias, formando um conjunto policrómico engraçado. Na parede oposta, um caixote serve também de estante de alguns livros e garrafas.

A ventilação está assegurada por quatro ventoinhas. A maior está colocada numa pequena fresta, situada do lado oposto à porta, a qual introduz no abrigo ar renovado em grande quantidade. Entre a mencionada fresta e porta está uma outra ventoinha que auxilia a circulação do ar.

Um garrafão com água faz também necessariamente parte do conjunto.

Neste espaço apenas uma coisa fica a destoar: Atrás da porta, veem-se quatro G3 devidamente carregadas, e cinturões guarnecidos com carregadores, tudo em prontidão.

O abrigo, visto de fora, aparenta um vulgar paralelepípedo semienterrado, cujas paredes deverão ter uma espessura de cerca de meio metro e o teto é feito com troncos de palmeira, coberto por uma espessa laje

de cimento. A porta está resguardada por quatro bidões cheios de terra.

Já há algum tempo que os quatro aqui nos encontramos procurando descansar um pouco, passando o tempo da melhor forma possível, enquanto o sono não chega ou qualquer problema nos coloque em prontidão.

Liguei o meu rádio em onda curta e sintonizei-o na emissão ultramarina da emissora nacional portuguesa. Tem estado a transmitir música portuguesa. Há pouco ouvimos as últimas novidades através de um curto noticiário. Agora, que a emissão está a acabar, vamos ouvir música no nosso gravador de som.

À distância, ouvem-se rebentamentos compassados. Deve ser Bigéne batendo a zona. Estes barulhos noturnos já entraram na nossa rotina, pelo que pouco nos incomodamos com eles.

Agora acabam de entrar dois camaradas que nos vieram cumprimentar, desejando-nos uma boa noite.

No abrigo conversa-se, brinca-se, lê-se, ou escreve-se, procurando aproveitar o tempo e, sempre que possível, criar um ambiente de boa disposição. Vezes há, porém, quando se perspetivam ataques, em que nos mantemos silenciosos e apreensivos.

Numa noite em que uma viola quase desfeita me veio às mãos, converteu-se numa festa.

Depois vem o sono que nos leva para um mundo irreal importunado pela inquietude de maus presságios que se

desvanecem ao nascer de um novo dia.

Já lá vão cerca de quinze dias desde o último ataque e mais de oito após a última fatídica coluna. Os ânimos acalmaram e quase nos esquecemos dos horrores da guerra. O que se passou não é mais que uma má recordação que teve o seu lugar em tempos idos!...

A alegria de viver voltou a Guidage. Já se veem grupos de rapazes conversando, enchendo o ar de risadas e boa disposição. Contudo, no seu íntimo, mantém-se a preocupação e incerteza, temendo sempre uma brincadeira de mau gosto do inimigo.

Os batimentos de zona, durante a noite, transmitem-nos alguma desconfiança e desassossego.

Depois do almoço é também costume virmos até ao abrigo. A essa hora o calor é intenso e só nele se está mais confortável desde que haja eletricidade para funcionarem as ventoinhas. De contrário, ninguém pararia cá dentro com o calor.

Reportagem fotográfica.

Hoje deu-me na cabeça de ir tirar algumas fotografias. Para tanto, chamei o camarada enfermeiro Barata. Com a máquina fotográfica a tiracolo subimos ao cimo do depósito de água para o quartelamento, montado sobre uma alta estrutura metálica.

Alcançamos o cimo por uma escada com cerca de dez metros de altura. Ali, embalados pela aragem, iniciamos a nossa reportagem fotográfica. Tínhamos ali um largo campo de visão sobre os arredores do quartel, cuja paisagem era bastante interessante.

A máquina foi sendo disparada nas mais variadas posições e direções, Descemos por fim, contentes com o passatempo e por podermos um dia recordar alguns destes momentos.

Guidage embrulha de novo!...

Hoje é dia 28 de abril de 1973. O jantar foi servido no horário habitual. Não tardou que se começassem a ouvir alguns rebentamentos à distância. Parecia Bigéne batendo a zona, apesar de isso não ser costume a essas horas. No entanto, todos ficamos em sobressalto e dirigimo-nos apressadamente para os nossos postos de combate.

Segui para a enfermaria. Tudo estava a postos para qualquer eventualidade. Entretanto, os rebentamentos tinham cessado. Passou algum tempo. Os ânimos começaram então a acalmar-se, embora o estado de alerta se mantivesse e qualquer ruído estranho nos punha em sobressalto.

Novos rebentamentos começaram a ouvir-se à distância. Era, a nosso ver, Bigéne batendo a zona. Porém,

alguém no meio da parada afinou a audição e gritou, correndo já desenfreadamente para uma vala: Bigéne está a “embrulhar”!...Escutamos com mais atenção!... Realmente, as deflagrações eram agora mais seguidas e mais audíveis. Bigéne estava realmente a ser atacada... e de que maneira!...

Por diversas vezes aqui me reporteii à insegurança que paira nesta região onde, a todo o momento, o inimigo nos pode atacar. Nos últimos dias, a rapaziada sentia-se alegre e descontraída, bem longe de supor que o perigo rondasse de novo por perto.

Caiu a noite (28/04/1973). Bigéne tinha sido atacado há já algum tempo, no final do dia. Pairava agora sobre Guidage a incerteza de um ataque inimigo.

À semelhança de anos passados, os ataques a Guidage eram normalmente precedidos de ataques a Bigéne e vice-versa. O primeiro ataque que aqui sofri foi efetivamente desse género. - E hoje,... seria o mesmo?

Na enfermaria, alguns militares travava-se de razões, opinando sobre a possibilidade de um ataque a Guidage nesta noite. Eu não parava de andar de um lado para o outro, com os nervos em franja, perguntando-me se havia razão para tanta inquietação. Os outros sorriam, mas!...

- Aí estão eles! ... Filhos da mãe!... Tudo deitado! Abriga-te Barata, gritava eu desesperadamente ao mesmo tempo que a minha voz era abafada por estrondosos rebentamentos que varriam o quartel de ponta a

ponta. Ouvira eu alguns segundos antes o ruído quase impercetível de saídas inimigas, o que me levou a assim reagir. Tinha começado mais um ataque a Guidage!

As luzes foram logo apagadas e os corpos colaram-se ao chão, procurando proteção. A respiração faltava-nos e o coração pulava de cada vez que algum rebentamento se dava mais perto de nós.

Lá fora as deflagrações sucediam-se estrondosas, tudo fazendo tremer. Os clarões dos rebentamentos iluminavam em tons azulados a zona da deflagração. De vez em quando, podiam ouvir-se os estilhaços batendo de encontro às paredes e barricadas que nos protegiam. Era tremendo!...

Desta vez não se ouviram as “costureirinhas” nem os Rpgs inimigos. O ataque foi feito à distância, com canhões sem recuo.

Durou cerca de meia hora. A certa altura, os rebentamentos inimigos começaram a diminuir, confundindo-se com o barulho dos disparos dos nossos obuses.

Mais tarde vim a saber que no momento em que se iniciou o ataque as guarnições dos obuses estavam a postos e as armas direcionados para a zona das saídas inimigas, o que terá provavelmente provocado problemas aos atacantes.

Na enfermaria, todos nos congratulávamos por nada de mal nos ter acontecido. Foram logo feitos preparativos

para acudir a possíveis feridos no ataque. Todos eram ligeiros e não inspiravam qualquer cuidado. Isto era sempre o mais importante para todos nós.

Fomos depois ver os estragos no exterior. Estava muito escuro e não nos foi possível ver mais que alguns estilhaçamentos na parede da enfermaria e junto ao nosso bar. Recolhemos depois aos nossos abrigos. Necessitávamos agora de pôr o sono em dia e procurar acalmar os nervos, Era sempre difícil fazê-lo, depois destas peripécias. Contudo, tínhamos a esperança de que os dias seguintes seriam mais calmos.

Logo de madrugada, fomos verificar os estragos do ataque. Não foi nada agradável constatar o rebentamento de uma granada a menos de três metros do meu abrigo. Os sinais dos estilhaços podiam ver-se nas paredes dos edifícios. Porém, o resultado final não nos alarmou muito, apesar de o susto ter sido grande! ... De qualquer forma, a insegurança e apreensão mantêm-se, tal como o permanente estado de alerta e prontidão.

Foi-se o campo de aviação!...

Mais um mês se passou. Abril de 1973 é já passado. Segundo rezam os costumes, este mês é o prelúdio de uma época de intensa atividade inimiga.

Primeiro de maio de 1973. Apenas mais um dia como

qualquer outro. Lá longe, onde se respira liberdade, hoje é dia do trabalhador.

Logo de madrugada assisti a um parto. Mais um soldado para a guerra! De regresso ao aquartelamento, tomei o meu pequeno-almoço e dirigi-me depois para a enfermaria, onde me esperava já uma boa quantidade de pessoas.

Ao longo da manhã atendi mais de seis dezenas de homens, mulheres e crianças, portadores das mais variadas queixas. Por volta do meio-dia já estava tudo despachado. Eram horas do almoço.

No que diz respeito a géneros alimentícios, podemos considerar sortudos. Carne não falta, normalmente vinda do Senegal.

Depois chegou a tarde, calorenta e abafada como sempre. Jogou-se ao crapaud no abrigo e descansou-se também.

Ao entardecer, dirigi-me à enfermaria a concluir alguns afazeres. Mais um passeio, algumas conversas aqui e ali e estava já chegada a hora de jantar. O dia chegara já quase (...) ao seu termo.

Pois é!...Quem pode garantir, às seis horas da tarde, que o dia tinha chegado ao fim sem qualquer incidente?

Bem! ... O jantar até estava bem bom. Fui depois até à enfermaria com um militar que, na altura, me pediu assistência clinica. Foi nessa altura que um enfermeiro, que estava junto da enfermaria se levanta de um pulo

e gritou estridentemente... Saiiiiiidas! ... Ataque!... Estamos a ser atacados!...Gritava ele, correndo, seguido por mim e do meu acompanhante, procurando abrigo na enfermaria.

Ora! ... É que era mesmo um ataque!... Poucos segundos tinham passado até que se ouviram uns pequenos zunidos, seguidos de enormes estrondos. O ataque começara. Felizmente, depressa verificamos que, estranhamente, as granadas inimigas caíam apenas sobre a pista de aviação.

Parecia notório o interesse do inimigo em bater aquela zona em que se encontravam os nossos obuses, que seriam das nossas armas, as que mais danos lhes podiam fazer. Ou queria o inimigo acabar de vez com a utilização do campo de aviação?

O fogo inimigo, com canhões sem recuo, lançado à distância, manteve-se durante mais de um quarto de hora ininterruptamente. Os nossos obuses ripostaram. Por fim, terminou o ataque, o quarto desde que aqui cheguei.

A sorte não me tinha ainda abandonado, felizmente. Desta vez não houve feridos, facto que muito nos descansou.

À espera de correio.

Bem!... Desta vez acredito que não voltaremos por hoje a ser incomodados pelo inimigo. E agora?... Que fazer? Dormir e talvez sonhar que em Binta estão mais de dez sacos de correio, aguardando por nós. - Que novidades? - Que surpresas virão nesses sacos. São cartas e encomendas que ansiosamente esperamos, com notícias da família e amigos. Mas, calma, calma!... Só lá vai mais de um mês sem receber correspondência!

Se alguma coisa se torna agradável para um militar nestas paragens, o correio é uma delas. É indiscreto a alegria que sentimos ao receber correspondência, designadamente após um longo período de tempo sem ela. Os envelopes são abertos rapidamente e os textos lidos com uma ansiedade e avidez extrema. Quanto não agradecemos as palavras amigas, animadoras e reconfortantes de alguém que, lá longe, não nos esquece!

Depois vem a altura de responder a toda a correspondência. Então é que ficamos tristes. Para quê informar a família e amigos da realidade da nossa situação? Para quê levar tormentas onde a paz ainda existe?

Não!... Não vale a pena transmitir preocupações, tristezas e incertezas àqueles que nos querem bem e nos acarinham. Vale mais sermos apenas nós a sofrer.

As nossas cartas aí vão. Não são mais que um bando

de piedosas mentiras. - Porém, quem poderá manter indefinidamente uma mentira, inventando uma situação imaginária, muito diferente da realidade? Até quando isto vai ser possível?

E a vida continua em terras de Guidage. Os dias e noites sucedem-se, pensando cá para mim: - Quem me dera ser como o tempo! Não parar... Ter a garantia que amanhã será sempre um novo dia para mim e para os meus camaradas de missão,... inteiros, sem mazelas e de boa saúde, claro está!

Como enfermeiro, verifico que uma das maiores dificuldades dos militares se prende com o sistema nervoso. A ansiedade e insónias são um flagelo. A incerteza e permanente expectativa de um novo ataque inimigo é constante.

As deflagrações de batimentos de segurança, o simples tiro de uma sentinela ou o barulho lúgubre dos rebentamentos noturnos à distância e, com certeza, também a falta de correspondência e ligações quase nulas com o exterior, contribuem para o negativo estado de espírito aqui reinante.

Guidage em pé de guerra.

Era dia sete de maio de 1973. Acordei ensonado pelos pesadelos que me povoaram a mente durante a noite e pelas numerosas vezes que despertei, sobressaltado, com um qualquer ruído.

Estava bastante fresco, ao contrário do habitual. Algo estava diferente naquela manhã!

- Está a chover malta, ... exclamou um camarada acabado de sair do abrigo!

- O quê?... Não pode ser!... Mas qual quê, estava mesmo a chover!...

Eram os primeiros indícios da aproximação da época das chuvas. Para nós, este facto era importantíssimo, pois que coincidia normalmente com o fim da época de ataques inimigos.

Estávamos contentes por rever a chuva, que há tantos meses não caía nestas paragens.

Porém, alguém se lamentou: -Agora que as chuvas começam mais cedo, os turras não vão deixar que cheguem com toda a força, sem que nos ataquem grandemente!

Tais palavras não foram mais esquecidas. Nesse mesmo dia, tivemos informação de um provável ataque ao aquartelamento.

Tenho à minha frente, colada na parede, uma gravura policrómica que mostra uma linda rosa vermelha, tendo por fundo um enorme campo de malmequeres. É linda

e todos os que entram no abrigo gostam de ver tal imagem.

- Ora, diga-me!... Você que está lendo este texto, acredita realmente na veracidade da existência desta gravura? Naturalmente que até pode acreditar, uma vez que é muito possível a sua presença num espaço onde se encontram jovens. Por outro lado, quem acredita que eu falto à verdade nesta informação?

Mas, se eu assegurar que esta minha declaração é efetivamente verdadeira, haverá ainda um número muito grande de incrédulos?

-Talvez sim!...Pois bem!... É por isto que as folhas que irão ser escritas a seguir serão com certeza alvo da incredulidade de muitos que, não vendo, podem, mesmo assim, não acreditar nos factos aqui narrados.

A realidade da guerra vai agora surgir, não para incrédulos, mas sim para aqueles que confiam e acreditam que não existe para mim interesse algum em mentir.

Guidage é sobejamente conhecida na província pela sua situação estratégica e designadamente pelo elevado e desastroso número de ataques que tem sofrido, desde que o exército português ocupou esta posição.

Quando para aqui vim, pude logo ter uma ideia desta realidade, perante os olhares, expressões, assobios e exclamações que se me mostraram quando souberam que me destinava a este buraco. - Você vai para Guidage?
(...)

Nunca me esquecerão aqueles olhares tristes e compadecidos, senão apreensivos dos amigos que me desejavam boa sorte. Aquilo era quase aterrador para um principiante como eu. A esperança e a fé de que tudo correria pelo melhor dava-me, porém, algum conforto.

Os primeiros tempos de permanência em Guidage não foram motivo de grande apreensão. Depois, surgiram os ataques, o abate das avionetas, os problemas com as colunas, etc... A realidade deu razão às informações recebidas em Bissau.

Porém, a situação agravou-se crescentemente.

Mas quem? - Quem poderia prever que algo de muito pior estaria para acontecer?

Guidage ia ser mais uma vez o alvo das atenções de toda a província. A guerra ia desta vez deflagrar impiedosamente, com toda a sua potência e consequências sobre este aquartelamento. - E de que maneira!.....

Eis!... 8 de maio de 1973. Este é o dia! ... O dia do princípio!....

O princípio disto:

08 de maio

01h30m - Ataque a Guidage – armas pesadas

04h15m -- “ “ “ “

06h20m - - armas pesadas e ligeiras ao arame

10h30m - - armas pesadas

11h15m - - armas pesadas e ligeiras ao arame

09 de maio

06h40m - - armas pesadas

10h20m - - “ “

18h15m -- “ “

22h50m - - “ “

23h25m - - “ “

10 de maio

17h10m - - “ “

22h20m - - “ “

De tarde: Quatro emboscadas e contactos feitos a tropas da C. Caçadores 19 (Guidage) no mato.

11 de maio

19h30m - - armas pesadas

21h30m - - “ “

23h00m - - “ “

12 de maio

05h10m - - “ “

06h10m - - “ “

09h00m - - “ “

23h00m - - “ “

13 de maio armas pesadas

05h10m - - “ “

06h20m - - “ “

16h00m - - “ “

14 de maio

04h50m - - “ “

18h35m - - “ “

19h20m - - “ “

15 de maio

12h45m - - “ “

16 de maio

03h25m - - “ “

04h30m - - “ “

17 de maio

10h10m - - “ “

23h20m - - “ “

18 de maio

10h10m - - “ “

14h40m - - “ “

19 de maio

03h20m - - “ “

05h20m - - “ “

21 de maio
02h40m - - “ “

22 de maio
04h10m - - “ “

23 de maio
02h00m - - “ “
18h14m - - “ “

25 de maio
23h10m - - “ “

27 de maio
20h40m - - “ “

29 de maio
21h00m - - “ “

Esta é a escala dos ataques que Guidage sofreu, durante o mês de maio de 1973, a partir do dia oito, num total de quarenta e um.

Não constam desta lista as emboscadas e os inúmeros confrontos com o inimigo, no mato, para que a Guidage pudessem chegar reforços humanos, material e alimentos

para assegurar a sua sobrevivência e subsistência.

O número de operações no mato é para mim desconhecido. O número de feridos é incalculável e o número de mortos excedeu algumas dezenas.

Atente-se que, lamentavelmente, muitos dos feridos ficaram inutilizados para toda a vida.

O que se passou é indescritível. Foram tempos terríveis, horrorosos, inacreditáveis!...

Inacreditável, mas aconteceu!...

Há já algum tempo que estávamos mais ou menos sossegados, quando naquela noite de oito de maio de 1973 tudo mudou. Começara o maior e mais extenso e trágico espetáculo de sempre em terras de Guidage.

O silêncio da noite foi interrompido pelos rebentamentos de grandes quantidades de granadas de canhão sem recuo, que assolavam o quartelamento. Os abrigos tremiam. Também nós tremíamos, sobressaltados de cada vez que algum rebentamento se dava mais perto de nós.

Era uma hora e trinta minutos da noite. A resposta da nossa artilharia não se fez esperar. O inimigo abrandou depois o bombardeamento e, passado algum tempo, terminou a escaramuça.

Vieram depois os cuidados sanitários. Corri para a

enfermaria onde, felizmente, raros feridos apareceram e estes sem gravidade.

Regressamos ao abrigo, confiantes de que o inimigo nos deixaria em sossego por algum tempo. Enganamos nos redondamente!..

Às quatro horas e um quarto, o inimigo voltou de novo à carga. As deflagrações sucediam-se num novo ataque a Guidage, com armas pesadas. A situação em nada nos agradava. Dois ataques em tão pouco tempo?

Ao nascer do dia algo estranho pairava no ar. O cheiro a pólvora queimada do anterior ataque e o silêncio da manhã inquietava-nos.

Em pequenos grupos, discutiam-se os acontecimentos, como de costume. Alguém nessa altura comentou: - Se calha eles estiveram a cansar-nos para agora caírem sobre nós num ataque ao arame! ... - E porque não? (Ninguém terá ligado.)

Nessa altura, tinha-me dirigido para a messe para tomar o pequeno-almoço. Desta vez, um pouco mais calmo e confiante de que outro dia de trabalho, como tantos outros, me aguardava na enfermaria.

Mas não! ... O café desse dia estava predestinado a não ser tomado.

Haviam passado alguns segundos desde a minha entrada na messe, onde já se encontravam alguns camaradas tomando a sua refeição... Nem tive tempo de pegar numa chávena!

Aquele ruído arrepiante das rajadas de “costureirinha”, já meu familiar, encheu o ar e ecoou por todos os lados. E depois!... Depois: tac tac tac ... buumm!... rrtatatam.... .paaaam! Fiuuuu....Puuum!... Era um inferno!

Eles aí estão de novo!... Filhos da mãe!... (...) Do pai e companhia! ...Eram 06h20m. Aquelas centenas de detonações causam um efeito psicológico terrível. Os Rpgs, morteiros e outros projéteis inimigos sulcavam os ares, caindo nas nossas posições de defesa, devendo causar inevitáveis estragos.

Na messe!... Meus amigos... Não foi preciso dar ordem de debandada. As primeiras rajadas inimigas foram suficientes para, em segundos e numa correria desenfreada, nos abrigarmos na barricada mais próxima. Duas cambalhotas, uns poucos de reboleões, seguidos de um monumental mergulho e, depois, arrastando-me para trás da barricada. Ainda hoje me pergunto como é que, em tais circunstâncias, me superei em destreza, sem ficar com um único arranhão.

O solo tremia debaixo do meu corpo, enquanto aquele barulho impressionante das armas inimigas prosseguia, dando-nos cabo dos nervos. Aquilo era deveras tenebroso.

Deitado atrás da barricada procurava resguardar-me das balas inimigas, já que dos Rpgs e morteadas só por sorte ou milagre nos safaríamos, enquanto não fosse possível ir para a vala fazer fogo.

Mas o inimigo era teimoso. Por mais de vinte minutos não se ouviu um único tiro do nosso lado. O fogo inimigo era de tal forma cerrado que, de início, não se podia dar um passo fora do alcance das suas miras.

A certa altura, alguém atrás de mim, numa janela, disparou uma G3! ... Com um caraças!... Que susto, mas que grande susto!... Aquele tiro inesperado, às nossas costas, sem que déssemos conta da presença do militar que empunhava a arma, assustou-nos tremendamente. Parecera-nos que tinha ali caído uma morteira, o que significava estarmos já crivados de estilhaços!...

Avala à nossa frente começou a encher-se de rapaziada. A metralhadora pesada e morteiro daquele setor, apoiados por numerosas G3s, começaram a vomitar aço. Os projéteis inimigos ergueram a sua trajetória e depressa se puseram em retirada.

Lamentavelmente, o nosso obus que cobria a zona atacada, estava desmontado para limpeza, na sequência do fogo que tinham feito durante o anterior ataque. Porém, um destemido militar conseguiu, debaixo de fogo, montá-lo, possibilitando bater com ele a retirada do inimigo.

Chegou a altura de correr para a enfermaria, onde já havia que fazer. Felizmente, os ferimentos eram todos ligeiros e raros mereceram cuidados especiais. Era antes, sem dúvida, grande o número dos curiosos que procuravam informar-se quem tinha sido ferido.

Soma e segue!

Por todos os lados se falava dos acontecimentos e da perspectiva de mais ataques do inimigo. Apesar disso, os ânimos mantinham-se aceitavelmente elevados, por não ter havido até ao momento feridos graves.

Mas não. Estávamos enganados!... Às dez horas e trinta minutos, novo ataque inimigo foi lançado contra Guidage. Este era de armas pesadas e feito à distância. As granadas inimigas caíam desta vez bem dentro do quartel e, só por sorte, não provocaram mortos ou feridos graves. O Além parecia estar connosco!...

Era já o quarto ataque do dia 08/05/1973. Por fim, e depois de uma resposta pronta das nossas tropas, o ataque chegou ao fim.

Ao contrário dos avultados estragos materiais, os estragos humanos não eram consideráveis, o que nos contentava bastante.

Estava a ser uma manhã negra para a história de Guidage. Tão negra que, passados cerca de vinte minutos, eis que rebenta novo ataque, desta vez com armas ligeiras ao arame.

Os turras aproximavam-se temerariamente do arame do quartel, muitas vezes de peito descoberto. Parecia não nos quererem largar e estourar mesmo connosco!
- Seria que estavam mesmo pretendendo assaltar o aquartelamento?

Desta vez, começamos a desmoralizar. Corremos para as valas e de novo as nossas armas entraram em ação. Porém, não tardou que se comesçassem a ouvir os nossos homens gritando por munições!... Mais munições!...

- Já se acabaram as balas! Ó com a breca! Isso é que não podia ser. Mas não, não podíamos desistir. Vários homens, rodeados pelo fogo inimigo, correram ao paiol buscar munições e, de seguida, as distribuindo pelas valas.

O inimigo andava despreocupadamente à volta do quartel, junto ao arame, fazendo rajadas de metralhadora sobre as nossas cabeças.

Mas o portuguesinho valente não se deixa intimidar nem desiste. Enquanto o inimigo fazia fogo à descrição, mantendo-se apenas a uma respeitosa distância do alcance das nossas armas, os cunhetes de munições corriam pelas valas e as armas eram cuidadosamente recarregadas.

Pois é! A verdade é que até os olhos se nos riam quando, de um momento para o outro, rebenta um fogo cerradíssimo das nossas valas e espaldões. Não seria desta vez que os turras se ririam de nós.

O inimigo, surpreendido por esta reviravolta, bateu em retirada apressada, ao mesmo tempo que alguns rapazes, saltando das valas os seguiam, alvejando-os na retirada. Tiveram, contudo, de retroceder porque não eram suficientes para fazer frente a tão numeroso grupo inimigo.

Estávamos estoirados. Os feridos não eram muitos, mas alguns mereciam já particulares cuidados. Mas, o facto de não haver mortes já nos dava algum conforto. Claro que a partir daqui, começamos a prever a possibilidade de mais ataques inimigos.

A noite de 08/05/1973 caía sobre nós, escurecendo-nos as almas e aumentando os receios. O dia tinha sido tremendamente fatigante e angustiantes, mesmo assim, ninguém pregou o olho ou tão pouco saiu do seu posto de combate, sempre em prontidão, caso o inimigo de novo nos visitasse. Porém, nada se passou nessa noite.

A bronca das munições!...

Precisávamos de munições. Não poderíamos aguentar muitos mais dias como o anterior.

A madrugada de nove de maio de 1973 raiou por fim, mas de forma tormentosa! Os turcos quiseram fazer o toque de alvorada para nos acordar e, de facto conseguiram-no, tal como viriam a fazê-lo para o rancho e o recolher. Pensariam eles que ficaríamos agradecidos, por na companhia não termos corneteiro!..

Mais cinco ataques rebentaram ao longo do dia e noite. Todos de armas pesadas à distância, que fizeram os seus estragos, alguns humanos, embora não houvesse mortos.

Mas se fossem só os ataques!... Sim, se fossem só os

ataques e a eventualidade de estes provocarem feridos ou mortes, apesar da proteção dos abrigos e valas e a destruição do aquartelamento!.. Mas o problema não era só este!

O enorme e incontornável problema era e bronca das munições. O stock estava no fim e!...Sim!... Aí está!... Sem munições não nos podíamos defender.

Nesse dia 09/05/73 tínhamos recebido duas tristes notícias: A força aérea recusara-se a fazer evacuações dos feridos, já em estado gravíssimo, que necessitavam de assistência hospitalar com a máxima urgência. Esta foi a informação mais aterradora por nós recebida, pese embora a nossa convicção de que isto podia acontecer, atendendo ao desenrolar dos acontecimentos.

Não foi com menos tristeza que tomamos conhecimento de que uma coluna, com uma pequena escolta, que se dirigia para Guidage, a partir de Binta, transportando munições, fora atacada no caminho e que tinha sido destruída. Os pobres rapazes nada mais puderam fazer que carregarem os feridos e retirarem-se apressadamente, deixando no terreno mortos e as viaturas carregadas.

Guidage estava, assim, isolada do exterior, por terra e por ar.

Para prevenir a carência de munições, foi de imediato ordenado que não se desse nem mais um tiro em resposta aos ataques inimigos, a não ser que tal fosse imperiosamente necessário.

Assim foi. De cada vez que se ouviam saídas, que precediam um ataque, corríamos para os abrigos e valas e deixávamos que o ataque terminasse.

Em menos de dois dias tínhamos já “embrulhado” dez vezes. Não o suficiente para nos darmos por vencidos, embora com o moral bastante em baixo.

Durante a noite, chegou até nós um pelotão de tropas, vindas de Bigéne para nos ajudarem na defesa de Guidage. A chegada desses militares deu-nos alguma esperança e estímulo.

Também sem comida!...

Os géneros alimentícios estava a escassear, reduzindo-se já ao arroz e conservas e depois a rações de combate. O apetite perdia-se, de cada vez que sofríamos um ataque.

Na enfermaria não tínhamos mãos a medir. Os feridos, e até as más disposições de origem nervosa, acorriam incessantemente à enfermaria, que não tinha já espaço para tantos feridos e a aviação nem sequer dava resposta aos pedidos de evacuação urgente. Para muitos feridos, a situação clínica era já extremamente delicada.

Dez de Maio de 1973. Mais um dia de festa para as hostes inimigas. De madrugada, saíra de Farim com destino a Guidage, uma coluna auto. Para nós, em Guidage, esta coluna era algo mais que uma transfusão

de sangue. Ela era a tábua de salvação para resistirmos e manter a nossa existência naquele lugar. Não se podia pensar em perder as munições e víveres que aquele grupo armado nos trazia.

Com o fim de facilitar a progressão da coluna, foram enviados três grupos de combate ao seu encontro a partir de Guidage, fazendo a picagem e estabelecendo a segurança até uma determinada distância deste aquartelamento.

O inimigo parecia estar mesmo disposto a manter Guidage isolado do exterior. A coluna deparou com dificuldades tremendas.

Pela rádio, seguíamos, atónitos e preocupadíssimos, o esforço temerário que a coluna vinha fazendo. Os contactos com o inimigo sucediam-se cada vez mais encarniçados. As minas espalhadas pela picada e campos anexos davam cabo do moral da tropa e também de muitas vidas.

Entretanto, víamos chegar, aos poucos, os militares de Guidage que tinham ido ao encontro da coluna. Soubemos que tinham tido diversos contactos com o inimigo e se viram obrigados a bater em retirada, atendendo à força numérica inimiga.

A coluna chegou, por fim. Custou esforços sobre humanos e também mortos e dezenas de feridos. As munições e víveres chegaram por fim, assegurando-se assim a defesa de Guidage.

Uma enorme confusão

Em Guidage, os ataques inimigos sucediam-se diariamente. O número de feridos e mortos crescia assustadoramente. Evacuações, não as havia. As tropas que nos vinham auxiliar permaneciam aqui por muito pouco tempo.

A C.Caçadores 19, que é a guarnição de Guidage, estava reduzida a muito poucos homens, desmoralizados e destroçados pelo cansaço. O povo africano queria abandonar a povoação. (...)

Foram tempos terríveis e de enorme confusão, não conseguindo recordar e descrever com precisão o que se passou.

Por este facto, parece-me mais acertado descrever alguns dos acontecimentos que mais me ficaram gravados na memória:

Lembro-me, por exemplo, dos fuzileiros navais. O seu serviço em combate foi assinalável. Apesar de terem tido pouca sorte, estavam sempre prontos a colaborar no que preciso fosse,

Soube que a tropa para-quedista foi uma das que mais sofreu para nos acudir.

Tivemos necessidade de enterrar os mortos, por razões sanitárias, num cemitério ali feito à pressa.

Desanuviando um pouco.

Quando a nossa sobrevivência está em permanente risco e tudo parece correr mal, ainda acontecem momentos de boa-disposição.

Um militar entra na enfermaria, com uma revista em que aparece um rapaz agachado, atrás de uns arbustos, expectante e com cara de muito assustado. Aquela imagem era, sem dúvida, a de todos nós quando as deflagrações inimigas nos rodeavam temerariamente. - “Cosa-se!... Que esta caiu perto!...” Lia-se, na legenda que o camarada escreveu sobre a fotografia... A malta fartou-se de rir com a piada.

Por vezes, aparecia um camarada mais reguila que dizia: - Malta!... Amanhã vem uma coluna com cerveja e munições para Guidage!... Os risos eram gerais, face à situação de isolamento em que nos encontrávamos.

A ausência de colunas de abastecimento, socorro e evacuação provocou a morte de feridos, por falta de assistência. Falava-se de colunas imaginárias, que nunca chegavam.

Tal como a promessa de evacuações por helicóptero. Nem sinal deles, salvo um único caso da evacuação de um militar ferido, feita pelo próprio comandante da respetiva companhia.

Os zombeteiros também diziam das suas: Porque

aquele, quando sentiu as balas zunir-lhe à volta, deu uma cambalhota, fez um duplo e um triplo salto mortal para se abrigar, coisa que nunca conseguira antes fazer!...

E aquele outro, que ao desfazer-se de uma terrina de sopa, quando corria para a vala, encharcou outro camarada que contra ele foi!...

Um espetáculo, que diariamente presenciávamos, era a progressiva destruição do aquartelamento. Em menos de sete dias não haveria um único palmo de terra que não tivesse sido atingido.

O edifício da enfermaria tinha o telhado destruído, valendo-nos o teto abrigo, que terá suportado vários impactos.

O fator sorte tem sido determinante para que mais feridos e mortos não tenha havido. Lembro-me de, a dada altura, ter rebentado perto de mim uma morteirada e daí resultar uma onda de choque que me apanhou quando mergulhava na vala. Só sei que caí, desamparado e sem qualquer ferimento, alguns metros afastado do lugar para onde inicialmente me tinha atirado!...

Lembro-me da pouca sorte daqueles camaradas que perderam a vida quando foram atingidos nas valas e nos abrigos.

Pouca sorte tiveram aqueles que, na picada, foram feridos ou mortos pelas minas ou pelas armas inimigas.

Mas será que o inimigo não precisará também de sorte quando apanhado pelas deflagrações das granadas dos

nossos obuses, que varrem mais de quinhentos metros em redor?

Finalmente a paz!...

Hoje, data em que escrevo estas linhas é já dia sete de junho de 1973. Já passaram seis dias desde o último ataque inimigo. A vida em Guidage é agora mais sossegada.

Não nos esquecemos, porém, da época trágica por que passamos. Os nervos continuam tensos, duvidando e estranhando, até, a já longa ausência de ataques. Será que o inimigo nos deixou mesmo em paz?...

Mesmo assim, toda a gente corre a abrigar-se quando se ouve algum ruído que se assemelhe a saídas.

Por fim, quando o ataque não aconteceu, voltamos a acalmar-nos e acabamos por gozar com as nossas reações.

A noite traz-nos sempre maus presságios. Não é fácil esquecer a tragédia e horrores por que passamos. Os ouvidos continuam em permanente alerta e continua a haver camaradas a dormir nas valas. As sentinelas são, ainda, muitas vezes, reforçadas!

Começamos a consciencializar-nos dos riscos e perigos em que estivemos envolvidos, No íntimo, todos queremos esquecer e apagar da memória aqueles tempos de terror.

Peripécias passadas

Muitos dias já passaram sobre aqueles tempos em que Guidage se viu envolvido numa batalha a sério. Os ânimos acalmaram e a vida no aquartelamento regressou à normalidade.

Recordo-me das sucessivas colunas de reabastecimento que vieram, até nós, na altura do cerco ao aquartelamento. Eram feitas por tropa que nos veio acudir, que não consigo identificar, mas a quem reconhecidamente agradecemos o seu esforço e missão.

Tivemos entre nós uma companhia de “piras”, ou seja, que estava na província há cerca de dois meses. Foi motivo da nossa admiração, pelo seu comportamento. Por sorte, não tiveram no percurso para Guidage qualquer contacto com o inimigo, nem problemas tiveram com as minas. Mal chegaram a Guidage, tiveram logo o batismo de fogo, quando rebentou um ataque de armas pesadas ao aquartelamento. Eles nem sabiam o que era aquilo. Nunca tinham ouvido o barulho de uma saída ou deflagração de uma granada inimiga. Foi preciso berrar com eles e obrigá-los a abrigarem-se.

Agora que Guidage parece ter voltado à normalidade, é a altura de reparar e reconstruir o quartel. Os telhados, antes convertidos em escombros pelas granadas inimigas, aparecem agora reparados e reluzentes. As valas são

limpas e os abrigos reforçados. A papelada burocrática também é posta em dia.

Para mim, veio finalmente a informação de que serei brevemente substituído. Poderei então regressar ao Hospital Militar de Bissau. Será que posso acreditar nesta informação? Bissau espera-me assim, mais tarde ou mais cedo, e umas possíveis férias na metrópole. Até lá, há que passar o “Cufeu”, como dizia o camarada Spínola, dos obuses (sobrinho do General Spínola) lamentavelmente, morto em combate. A zona do “Cufeu”, entre Binta e Guidage, foi onde o inimigo se instalou para atacar as nossas tropas e isolar Guidage.

Recorda-me agora aquela noite em que nas valas se aguardava, em silêncio, a deflagração de mais um ataque inimigo, quando alguém começa a imitar o espevitado cantar de um galo! Foi um alvoroço.- Mata-o! Arrefinfa-lhe uma pedrada! Come-o já vivo! Torce-lhe o pescoço, não o deixes escapar!..Os risos e boa disposição acabaram por tornar a noite em alegre convívio e o inimigo não apareceu.

E aquele a quem acusaram de ter desviado a ração de combate a um camarada! Disse ele muito sério: - Eu? Nunca fiz tal coisa, nem tão pouco voltarei a fazê-lo!

Quanto a sustos, faz-me recordar aquele camarada que apanhou um pequeno susto quando conferia o seu material de guerra. Dizia ele, contando-o e verificando-o: - Pois é, saco, botas, pano de tenda... Nessa altura alguém

lhe perguntou se algo estava errado! – Bem! Disse ele. É que estive a conferir o meu material e felizmente está tudo bem! Mas! Disse ele: - Só falta aqui um pormenor!.. E que não sei da espingarda! Foi uma risada geral.

A natureza e ambiente paisagístico envolvente do aquartelamento são motivo de conversas interessantes. Bandos de pássaros voam e poisam nas árvores das redondezas, fazendo ouvir os seus chilreios. Por vezes, sentamo-nos a olhar uma determinada árvore, situada dentro do aquartelamento, admirando-nos como uma árvore tão pequena pode alojar tão numeroso número de aves.

Em bandos sucessivos, os pássaros pousam e levantam voo da referida árvore. Nessa altura, alguns rapazes começam a fazer fantásticos comentários: - Olha aquele bando que largou a árvore em formação! Parece a nossa força aérea! - E aquele, todo despassarado! Parece o inimigo a cavar! - Ena! - Aquele bando que está a chegar e anda às voltas à árvore até parece uma companhia de para-quedistas! Nisto, aparecem dois abutres voando pesadamente... - É malta!... Aí estão dois bombardeiros em formação!

Um dia sossegado.

Hoje é dia vinte e cinco de junho de 1973. São 21H43M. O tempo está mais fresco. De manhã, quando me levantei, estava neblina. Ouvia-se o tam, tam característico de um pilão na tabanca.

Fui até à enfermaria. Passei a cara por água e dirigi-me à messe, onde tomei o pequeno-almoço.

Algumas horas antes, tinha saído a caminho de Binta mais uma coluna auto a buscar reabastecimentos.

Um passeio matinal pela tabanca tem o seu quê de interessante. A vida simples daquela gente, já quase esquecida dos tempos difíceis por que passou, dá-nos algum conforto moral e estimula-nos para mais um dia de trabalho.

O apoio sanitário está assegurado na enfermaria e também na coluna.

Na picada, a coluna progredia normalmente. Mas hoje era um dia especial para Guidage! Havia a possibilidade de acontecer um ataque inimigo, à semelhança do que acontecera no ano passado, nesta mesma data.

Ao comando da companhia tinha chegado mensagem, dando conta da probabilidade de um ataque. O quartel estava, por isso, de prevenção.

A feijoada ao almoço soube-nos bem. A vontade de comer nestas alturas não é lá muita, designadamente quando ouvimos os disparos dos nossos obuses batendo

a zona para segurança da coluna.

Desta vez não houve ataque, nem à coluna nem ao quartel.

A chegada de uma coluna é sempre importante, por trazer reabastecimentos e, também, designadamente, o correio que é lido avidamente.

A noite aproxima-se. O jantar, desta vez bem condimentado, fez as delícias de todos.

As valas e espaldões dos morteiros e obuses foram sendo, à cautela, ocupados, não fosse o diabo tecê-las.

São agora 00H10m e o inimigo ainda não deu sinal de si. Lá fora, ecoa o ruído do gerador da central elétrica a que há muito nos habituamos. Vou procurar descansar um pouco.

A História dos Maricas de Guidage.

Os acontecimentos deram-se assim:

Estávamos em pleno mês de maio, com sucessivas flagelações do inimigo ao aquartelamento então guarnecido por duas companhias metropolitanas e dois pelotões de tropas africanas. Tivemos a visita do senhor General Spínola, demonstrando ser um valente e destemido militar. As tropas formaram na parada, a quem o comandante-chefe da província pessoalmente se dirigiu.

Chegou a vez da Companhia de Caçadores 19, guarnição de Guidage. Mas! Qual não foi a nossa desilusão quando, em vez de um elogio ou de algumas palavras animadoras que seriam de esperar, nos deparamos com uma valente reprimenda, acompanhada de notória má disposição para quem tanto trabalho e sacrifício teve para manter em mãos portuguesas aquele pedaço de terra, que de outra forma já estaria nas mãos do inimigo?

Como não chegaram alguns palavrões, apelidou-nos de “MARICAS” e considerou os graduados como incapazes de comandar uma companhia africana!

Assim nasceram os Maricas de Guidage. Não ficou por aqui o castigo deste superior. Cancelou, por tempo indeterminado, as férias a todos os militares da C.Caçadores 19.

Naturalmente que a reação dos militares da C.Caçadores 19 no momento em que tais palavras foram proferidas, foi nula. Sim! Porque logo que a companhia foi mandada destroçar, cada um dos seus militares, completamente desnorteados e não contendo os nervos, apenas soube esconder-se a um canto enxugando as lágrimas que lhe encharcavam as faces.

Realmente, era demais! Como não haviam de reagir estes homens que aguentaram firmemente sucessivos ataques do inimigo, sem que alguém os apoiasse!

Homens que viram cair no campo de batalha os

seus camaradas, sem lhes poder valer pela ausência de evacuações!

Militares que se defenderam e lutaram com exemplar ânimo e determinação, apesar de saberem que as munições escasseavam, bem como a comida e que qualquer ataque inimigo em massa ao arame os podia riscar do mapa!

Não! Ninguém conseguia responder a tamanho ultraje. As lágrimas de uns e os choros descontrolados de outros respondiam a tão insensata palestra.

- Que pretendia aquele oficial general?

Negar terminantemente a transferência da C.Caçadores 19 para uma zona mais calma, como lhe tinha sido solicitado?

Castigar os graduados da C.Caçadores 19, por não terem saído para o mato, com os seus homens africanos em patrulhamento, depois da chegada de tropas de reforço, por serem por eles deixados sozinhos frente ao inimigo?

Os militares africanos recusavam-se a respeitar ordens temerárias para a suas vidas. A companhia estava reduzida a cerca de um terço dos seus homens. Todos os outros tinham sido mortos ou feridos ao longo dos ataques sofridos e que continuavam ainda a sofrer.

A saída para férias, deveras inesperada do comandante da C. Caçadores.19, deixando os seus homens na situação delicadíssima em que se encontravam, ou o facto de terem os militares da C.Caçadores 19 diminuído o seu ritmo de

trabalho quando chegaram reforços, teriam sido também motivo para o comportamento do Senhor General?

- Será que o Sr. General Spínola teve conhecimento da heroica resistência dos nossos homens frente ao inimigo quando, nas primeiras emboscadas, lutaram até serem destroçados, deixando cinco mortos pelo caminho, por não terem aguentado com a força numérica do inimigo?

- Será que o Sr. General imaginou alguma vez o espetáculo do regresso daqueles mesmos homens, que me caíam aos pés, feridos ou mortos decansaço?

- Não viu o Sr. General aquele enfermeiro que, acompanhado de alguns militares quase desarmados, se embrenhou com um unimogue no mato, transportando para o quartel, em sucessivas viagens, homens feridos e completamente estoirados?

- Afirmaria o mesmo se tivesse visto a heroicidade da guarnição que manteve o inimigo à distância, quando dos ataques diretos ao arame do aquartelamento?

- Não terá considerado o Sr. General a valentia daqueles homens, aguentando a pé firme a defesa do quartel, apesar de saber que o paiol se encontrava quase vazio e que, a certa altura, antes de chegarem reforços, não havia no quartel mais que algumas reduzidas dotações individuais de munições, com as quais não se aguentaria um assalto inimigo pelo arame?

- Como reagiria ele ao saber do completo destroçamento

de uma coluna que transportava para Guidage o material que tanta falta nos fazia?

- Não teria ele conhecimento da superioridade numérica e do armamento da força inimiga que fez frente, por sucessivas vezes, à coluna de 10/05/1973 que era escoltada por tropas de mais de quatro companhias, quase toda especial, que não voltou atrás porque um dos comandantes da força se lançou para a frente dizendo que não se podia deixar Guidage, nem por mais um dia!

Na verdade, este comandante tinha razão! Porque se fôssemos atacados sem que a coluna e tropas de reforço chegassem, não teríamos nem homens, nem munições para defender o quartel numa incursão inimiga ao arame.

- Não terá sido deveras heroico sustentar a C.Caçadores 19 os ataques inimigos que deram que fazer e metiam respeito a três ou mais companhias ali estacionadas?

- E a final, quem manteve os serviços internos do aquartelamento, se não a C.Caçadores 19?

- Será que o Senhor General não faz ideia do efeito psicológico, provocado nos militares africanos e suas famílias que viviam na tabanca de Guidage, quando no dia seguinte da chegada das tropas que nos vieram acudir, vindas de Bigéne, as mesmas se dispunham regressar à sua unidade, sem deixar um único reforço humano? Claro que a população civil não hesitou em preparar-se para também os acompanhar, abandonando o aquartelamento.

Só perante esta reação da população civil, seguida também pelos militares africanos da C.Caçadores 19, seus familiares, se conseguiu que a tropa de reforço se mantivesse em Guidage.

Pelo exposto, leva-nos a crer que os Maricas de Guidage foram antes uns heróis, não tendo sido merecedores do tratamento que lhes deu o Sr. General Spínola.

Concluindo

O tempo foi passando. Guidage não voltou a ser alvo de ataques do inimigo. As chuvas chegaram, fazendo renascer a natureza ao nosso redor.

A calma e confiança, gerada pela ausência de conflitos armados, traziam-nos finalmente um pouco de paz.

Costuma-se dizer que tudo o que é demais começa a fartar.

Realmente, estou convencido que o testemunho que este texto representa é suficiente para um dia, mais tarde, poder recordar-me e fazer ainda ideia do que passei por estas terras.

Apenas aqui existe, contudo, algo de muito importante para mim: - A recordação daqueles que, ao meu lado, encontraram o seu fim e que jamais poderei esquecer, prestando-lhes assim a minha sentida homenagem.

Nota do Autor

Lido que foi o “meu diário” é bem provável que os Exmos. Leitores lamentem ter, no mesmo, faltado um relato mais preciso e alargado dos sucessivos combates que ocorreram em Guidage e em seu redor, naquele mês de maio de 1973.

Verifico, lamentavelmente, que não terei tido oportunidade, ou sido capaz de os narrar no meu diário.

Certo é que, ainda hoje, passados tantos anos, não consigo lembrar-me de pormenores dos terríveis momentos por que passei com os demais camaradas na Batalha de Guidage.

Deduzo, assim, que na altura estivesse demasiadamente envolvido nos acontecimentos que não me deixaram tempo para escrever o que fosse, receando mesmo que me encontrasse também física e psicologicamente afetado.

Li algures: “Um povo sem memória, não tem futuro”

Assim, aqui deixo o meu testemunho, para que aos vindouros, da memória não se apague a guerra colonial.

José Luís Tavares Saraiva

